O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO
J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANO XXXV

ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: ano 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS
Quarta-feira 24 de novembro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Anuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:543

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue Caumartin, 61.

SUMARIO:—E' BOM SABER-SE.—APONTAMENTOS PARA A HISTORIA.—PARES DO REINO.—CARTA AGRICOLA. — NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—O «CONIMBRICENSE».—FOLHETIM, OS HEROES DA VIDA AIRADA. — ARABESCOS E MINIATURAS.—BIBLIOGRAFIA. — RECLAME. PARTE OFICIAL. — TELEGRAFIA. — CARTA DE LISBOA.

Aveiro

E' BOM SABER-SE

Azedaram-se um pouco os animos com o resultado das eleições municipaes e distritaes. Até o ordeiro *Jornal da Noite*, que d'antes aplaudia a marcha do governo, chegando a apoiar a ditadura, agora desafina e clama que é preferivel dispensar o adjutorio das côrtes geraes, a eleger camaras, cuja maioria apoie a situação.

Não compreendemos bem as razões de similhante azedume, e muito menos se justificam os libelos famosos contra os ministros, só porque a sua gerencia ilustrada e cuidadosa desagrada aos que nunca fizeram nada, com quanto se atribuam talentos brilhantes e passem por literatos de polpa. E' bonito e comodo fazer romances, mas a administração não pode ser obra de improviso, antes carece de ser o fruto de estudo meditado, para que atenda a todas as conveniencias legitimas, e possa exibir-se na altura a que deve chegar n'um paiz civilisado.

E' facil ralhar de tudo, e fazer exigencias ainda que desarazoadas a proposito de tudo, porque a critica é por assim dizer produção espontanea, embora os que a fazem careçam de competencia para praticarem o bem, ou ainda para procederem com acerto. Mas isto não os embaraça. O caso está em fazer barulho, muito barulho, pois entendem alguns que salpicando os outros de lama, nadam eles em mar de rosas. E todavia a experiencia tem feito ver o contrario. A calúnia quando espirra, póde uma ou outra vez sujar a quem afronta, mas em regra é impotente para ferir em cheio as reputações que procura deprimir. O mundo não se governa já por as diatribes e por os sarcasmos do grupo dos descontentes. A ninguem impressionam hoje os editos em parangona com que em 1854 era chamado ao tribunal da opinião publica um ministro da corôa, a quem um distinto polemista da epoca chamava Gironte, e os espirituosos do dia cognominavam de raposa. E ainda assim o homem a quem apontavam com taes epitetos, logrou conservar-se no poder, que só abandonou quando o ministerio deu a sua demissão, e os historicos, presididos pelo duque de Loulé, foram chamados aos conselhos da corôa.

As eleições municipaes e distritaes fizeram-se em todo o paiz sem grande estardalhaço, e ninguem póde citar fatos que provem incontinencia partidaria, ao contrario do que sucedeu ha anos em Ourém, onde uma povoação inteira foi espingardeada pela força publica, estando n'essa época no governo o partido regenerador. Ourém é para a regeneração o que foram Alvarães e Porto de Moz para os Cabraes. A matança de gente inerme como holocausto á intemperança dos homes e da politica que eles diziam representar. E' a mancha negra na historia *constitucional do paiz.*

Porque são pois as coleras dos regeneradores ao saberem do resultado eleitoral do dia 14? Se estão fortes, se o colegio eleitoral coadjuvou a ação dos seus partidarios, para que protestam agora, recorrendo á inventiva para caluniar o partido progressista? Porque, diga-se em abono da verdade, não venceu o governo, nem venceram as autoridades; o triunfo deve-se exclusivamente a uma fração do grande partido constitucional, que se denomina progressista. Se esta familia politica não estivesse organisada, se não dispozesse de recursos, se fosse apenas uma agremiação fortuita de elementos heterogeneos, o resultado da luta seria outro. E é d'este modo que os centros das provincias respondem ás objurgatorias dos que não apresentam a mesma organisação e disciplina, dos que não conhecem essas entidades que são a expressão da colétividade, e por tanto a reunião do que é preponderante e valido nas diferentes circunscrições.

Sabemos que os centros incomodam os adversarios, que, não podendo imital-os, se contentam com o metel-os a ridiculo, chasqueando da sua importancia relativa, e alegando que eles são um trambolho quando o partido constitue governo. Mas é certo que n'eles reside toda a força do partido, como se viu na reunião da assembleia geral de Lisboa, quando em 10 de dezembro ultimo se tratou de eleger o chefe em consequencia da vaga ocasionada pela morte de Anselmo Braamcamp. N'essa sessão solene se conheceu toda a vitalidade do partido progressista, concorrendo a ela os caratéres mais conspicuos de todo o paiz, a fim de, com o seu voto, elevar ás honras da chefatura o cidadão cujo nome estava geralmente indicado pela opinião esclarecida do paiz.

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA

Como todos sabem, em S. Pedro do Sul houve luta renhida nas eleições municipaes, vencendo o partido progressista em todas as assembleias do concelho por 409 votos. O que, porém, muitos ignoram é que a comissão do recenseamento foi eleita logo ás 10 horas da manhã, sem que se achasse legalmente constituida a assembleia dos 40 maiores contribuintes. Quando chegaram á sala das sessões camararias os eleitores progressistas, isto é, logo após as 10 horas da manhã do dia 14 de janeiro, estava já feita a eleição da comissão! A precipitação com que se praticou aquele áto, deu a medida exata das intenções do partido regenerador local. Não se queria ali quem vigiasse e fiscalisasse os seus trabalhos. Procurava-se apenas alcançar uma chancela docil aos caprichos politicos. Como resultante foram eliminados do recenseamento os cidadãos conhecidos por a sua afeição aos progressistas. E chegou a tal ponto a perfeição, que os que recorreram e obtiveram provimento no poder judicial, não foram inscritos como eleitores, deixando por isso de votar!

Ainda mais factos constam da cronica local, como póde vêr-se do *Distrito de Vizeu*, conforme os periodos que transcrevemos:

«Ora, sabendo-se que os regeneradores de S. Pedro do Sul falsificaram o recenseamento no interesse da sua fação, que a comissão recenseadora empalmou indecorosamente um acordão da Relação, que mandava inscrever 200 eleitores progressistas, e que ainda no ato da eleição quizeram socorrer-se do expediente grosseiro de alterar nos cadernos as idades dos nossos correligionarios, para assim os excluirem da votação; sabendo-se tudo isto e muitas coisas mais, as declamações do parvajola ou provocam a gargalhada pelo ridiculo, ou a indignação pela audacia e desvergonha com que mente.

«Eles, os regeneradores de S. Pedro, que só téem vivido do embuste, da falcatrua e do cacete, a falarem em desacatos e violencias e a exhibirem-se como vitimas de uma politica cabralina!»

O extráto diz o suficiente para demonstrar a impopularidade do partido regenerador em S. Pedro do Sul. Eliminou ele do recenseamento politico 700 eleitores, e deixou de inscrever, nos termos dos acordãos do poder judicial 200 cidadãos. E não obstante a fraude, e apesar d'esta batota repugnante, perdeu a eleição por 409 votos! Vejam o que seria se por ventura o recenseamento tivesse sido feito legalmente. Nem sequer se apresentariam em campo a disputar a eleição.

O escrutinio deu portanto o seguinte resultado:

Camara municipal, efétivos:—Valentim Pinto da Silva Novaes, Antonio H. Pinto de Souza Melo, José Luiz d'Almeida, Antonio Correia de S. Melo, e Manuel Antonio Fernandes.

Vereadores substitutos:—Joaquim Teles Malafaia, Antonio de Menezes L. Correia d'Almeida, José d'Oliveira Fraga, Francisco da Silva Varzea, e Manuel de Gouvêa Sá.

Foi pois uma vitória magnifica a alcansada pelo partido progressista de S. Pedro do Sul. D'aqui lhe enviamos o parabem como correligionarios e como amigos.

PARES DO REINO

Veio hontem no *Diario do Governo* convertido em lei o decreto das cortes de *12 de março ultimo que interpreta o n.º* 2.º do § unico do art. 10.º do decreto eleitoral de 30 de setembro de 1852, e estabelece que a disposição contida n'esse numero ali exposta não e extensiva aos pares temporarios. O teor d'essa carta de lei é o seguinte:

«Dom Luiz, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º A disposição do n.º 2.º do § unico do artigo 10.º do decreto eleitoral de 30 de setembro de 1852 não é extensiva aos pares temporarios.

§ unico. O par temporario que fôr eleito deputado, deverá optar pelo lugar de par ou de deputado, no praso de oito dias, a contar d'aquele em que fôr aprovada a sua eleição pela camara dos deputados, entendendo-se que, na falta de declaração, opta pelo lugar de deputado.

Art. 2.º Fica assim interpretado o artigo 10.º § unico n.º 2.º do decreto de 30 de setembro de 1852, e revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ela se contém.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios do reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, em 21 de abril de 1886. = El-rei, com rubrica e guarda.=*José Luciano de Castro.* = (Lugar do sêlo grande das armas reaes).»

CARTA AGRICOLA

O *Diario do Governo* publicou o seguinte decreto:

«Havendo o decreto com força de lei de 28 de julho do corrente ano autorisado o governo a organisar convenientemente os serviços agricolas a cargo da direção geral de agricultura do ministerio das obras publicas, comercio e industria;

Sendo certo que a base onde devem firmar-se conscienciosamente os sucessivos aperfeiçoamentos na legislação respeitante a um determinado ramo de serviço publico reside na dedução exata e positiva das qualidades peculiares a ele inherentes e no conhecimento seguro das evoluções que n'ele se operam em dadas epochas e designadas condições do seu desenvolvimento; e

Por isso sendo a estatistica a fonte primeira, se não a unica, d'onde devem emanar os elementos precisos para que, assim nas regiões especulativas da sciencia, como nas estações oficiaes da governação publica, se iniciem e publiquem, no interesse do paiz e com o legitimo favor da opinião, reformas uteis e exequiveis;

Atendendo a que de varias tentativas feitas em Portugal para a elaboração da estatistica agricola, desde os fins do seculo passado até ao presente, nenhuma logrou o exito apetecido, porque, alem de outros motivos, aliás de facil averiguação, os systemas adotados, e que nada produziram, careciam principalmente de fundamento e solidez que só podem derivar do cadastro, ou de uma carta agricola bem organisada; por isso que fôra inutil esperar que por meras informações, sem nexo nem apoio garantido, se podesse ter noticia afiançada da extensão das culturas, das superficies arborisadas ou das areas dos baldios, e, ainda menos, do inventario das produções e do rendimento das explorações agricolas em as diversas regiões do solo;

Considerando que nos mais adiantados paizes da Europa e da America tem este assunto, mais ou menos cabalmente, contribuido para a avaliação da riqueza territorial, por tão justo titulo considerada o esteio da autonomia nacional; que, ainda ultimamente, póde a França, no espaço de tres anos apenas, proceder a uma nova avaliação dos seus rendimentos territoriaes, graças á planta cadastral que ela possue em grande escala, e que os ultimos e tão apreciados estudos sobre a economia agricola e rural feitos na Belgica seguramente se devem atribuir ao auxilio da sua carta topografica na escala de 1:20:000, verdadeira carta agricola;

Não existindo no nosso paiz trabalhos d'esta ordem que facultem aos poderes publicos os elementos indispensaveis para a resolução dos graves problemas da administração geral, que sob o ponto de vista agricola, mal tem obedecido a principios definidos ou a preceitos colhidos da pratica e da deducção logica dos factos, e, por isso, convindo aproveitar, nos termos do decreto com força de lei de 24 de julho do corrente ano o auxilio do pessoal tecnico de obras publicas, sem prejuizo dos serviços essenciaes da sua competencia, para que, em concorrencia com o pessoal tecnico da direção geral de agricultura, se possa obter, em um numero de anos, talvez não superior a cinco, e sem novos encargos para o tesouro, o inventario da nossa riqueza territorial, isto é, todos os elementos necessarios para o estudo da economia rural e das *verdadeiras necessidades* da vida agricola em Portugal hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º A partir do ano economico corrente proceder-se-ha, no continente do reino, ao levantamento da carta agricola, na escala chorografica de 1:50.000 e á elaboração da estatistica agricola geral, pela fórma e segundo as instruções que serão determinadas e expedidas pela direção geral de agricultura do ministerio das obras publicas, comercio e industria.

Art. 2.º Da execução do disposto no artigo 1.º serão incumbidos, nos termos do artigo 79.º do decreto com força de lei de 28 de julho de 1886 e dos artigos 2.º e 57.º com força de lei de 24 do mesmo mez e ano, os agronomos do governo, e, por cada distrito administrativo do continente, dois ou tres condutores do quadro auxiliar do serviço tecnico de obras publicas.

Art. 3.º A direção e inspeção d'estes serviços será confiada á pessoa que, em trabalhos identicos da dependencia do ministerio das obras publicas, comercio e industria, tenha já dado reconhecida prova de competencia e aptidão.

Art. 4.º Os trabalhos do campo deverão durar, em cada ano, oito mezes, e os do gabinete quatro, devendo a ajuda de custo, diaria, ordinaria e extraordinaria, assim para os agronomos como para os condutores, ser regulada em conformidade dos decretos de 24 e 28 de julho de 1886.

§ 1.º A ajuda de custo extraordinaria dos agronomos e a que for arbitrada ao diretor e inspetor, e bem assim as despezas com o pessoal operario, serão pagas pelas forças da verba autorisada para os serviços agricolas do ministerio respetivo.

§ 2.º A ajuda de custo extraordinaria dos condutores será paga pelas forças da verba autorisada para o pessoal do serviço tecnico de obras publicas.

Art. 5.º O pessoal de obras publicas que, por virtude do disposto n'este decreto, for incumbido do levantamento da carta agricola ficará subordinado á direção geral de agricultura durante o tempo que durarem os respétivos trabalhos.

O ministro e secretario d'estado dos negocios das obras publicas, comercio e industria, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 18 de novembro de 1886.=REI.—*Emidio Julio Navarro.*»

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Esteve hontem e ante-hontem em Aveiro, o sr. João Batista da Silva, tenente coronel de cavalaria, e digno comandante do 2.º batalhão da guarda fiscal, que veio inspecionar a secção do real d'agua d'este distrito, de que é muito digno chefe o nosso distinto amigo, o sr. Antonio Maria Alves da Roza, [illegible] de empregados fiscaes. Consta-nos que o sr. Batista da Silva ficára satisfeito com a boa ordem, zelo e integridade com que tem sido ultimamente dirigidos n'esta circumscrição os serviços de fiscalisação do real d'agua, e que disso déra testemunho oficial ao inteligente e átivo chefe da secção.

— Partiu já para Setubal o sr. capitão-tenente da armada, Cordeiro d'Almeida, afim de assumir as funções de capitão d'aquele porto.

Regresso.—Regressou da Povoa de Varzim á sua casa de Santar o sr. D. Ruy Lopes de Sousa Alvim, um dos cavalheiros mais respeitaveis da Beira. S. ex.ª com sua ex.ma familia estiveram ali a banhos.

Enlace.—Casou ha dias n'esta cidade o nosso estimavel amigo, sr. Artur Ernesto da Silva Leitão, distinto agronomo d'este distrito, com uma filha do nosso patricio o sr. João Simões Peixinho, proprietario e negociante do Alboi.

Os noivos, a quem desejamos as mais ridentes venturas, partiram incontinente para o Bom Jesus do Monte.

Promoção.—Foram promovidos a juizes de terceira classe, e colocados nos tribunaes administrativos, os nossos amigos os srs. dr. Francisco Faustino Pereira de Rezende e Brito, delegado do procurador regio em Agueda, em Aveiro; dr. Augusto Cezar de Sá, delegado da comarca d'Aveiro, em Vila Real; e dr. Antonio Augusto Nogueira Souto, delegado na comarca de Famalicão, em Lisboa.

D'aqui enviamos o parabem a suas ex.as pela sua promoção e colocação.

Sahida.—Por ter sido nomeado juiz do tribunal administrativo do distrito de Vila Real deixa de exercer aqui as funções de agente do ministerio publico o nosso ilustrado amigo, o sr. dr. Augusto Cesar de Sá. A comarca perde n'ele um funcionario inteligente, e a sociedade aveirense um cavalheiro simpático. Sua ex.ma esposa e filhos ainda se demoram algum tempo entre nós. O novo juiz sai já esta semana para ir tomar posse do seu novo logar.

Tribunal administrativo de Aveiro.—Para juiz presidente d'este novo tribunal foi nomeado o nosso antigo amigo, o sr. dr. Francisco Faustino Pereira de Rezende e Brito, um dos mais inteligentes e instruidos jurisconsultos, e magistrado tão integerrimo e distinto que, exercendo ha muitos anos o logar de delegado do procurador regio na comarca de Agueda, sáe de lá considerado e estimado por todos, sem distinção de pessoas, nem de partidos.

Para juizes do mesmo tribunal foram tambem nomeados os srs. dr. Antonio Honorato Marques Perdigão, que ultimamente exercia com muita dignidade o cargo de delegado do procurador regio na comarca do Fundão, e dr. Francisco Augusto Lobo Castelo Branco, que tem sido digno conservador privativo do registo predial na comarca de Oliveira do Hospital.

Para exercer as funções de agente privativo do ministerio publico junto d'este tribunal, foi nomeado o nosso ilustrado amigo, o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva Amorim, habil advogado nos auditorios de Agueda, e que tem por varias vezes exercido com muita distinção e zelo o cargo de administrador do concelho de Sever do Vouga.

Para secretario do tribunal foi pelo sr. governador civil designado o nosso ilustrado amigo, o sr. dr. Manuel Maria da Rocha Madail, muito hábil, zeloso e erudito 2.º oficial da secretaria do governo civil.

Reintegração e posse.—O nosso amigo, o sr. Daniel Batista de Barros, foi reintegrado no logar de capitão do porto d'esta cidade, de que já tomou posse.

Gremio Aveirense.—Assistiram já bastantes senhoras á reunião de domingo proximo passado. Dançou-se animadamente até depois da meia noite, parecendo voar o tempo com a rapidez d'um segundo. Oxalá continue a animação, com quanto os jovens *blazés* o sentem um desprendimento postiço, abandonando as dansas.

Trabalho no mar.—Tem havido agora todos os dias trabalho no mar—trabalho inutil ou antes trabalho que prejudica, pois que os lanços saidos do mar tem-se vendido, alguns, por 1$000 reis e 1$500. E o fisco dizima d'isto!

Chamando para o fáto a atenção do sr. ministro da fazenda e de todos os homens sensatos do governo, cumprimos apenas dever de posição e de consciencia.

Um lanço de pesca não custa ao emprezario menos de 50$000 reis. Pois as companhas tiram dez tostões, e hão de pagar d'isso a respétiva vintena! E se não paga executa-se o pobre pescador!

Vejam isto, srs. da governação. O imposto sobre o pescado é um gravame sobre a humanidade —é um crime que em nenhum paiz civilisado se comete. Ha ahi casa que está perdendo este ano mais de 8:000$000 reis n'esta industria. Que produção a pode já indenisar d'esta diferença?! E apesar d'isso o imposto do pescado cobra-se e sustenta-se!

Para este fáto, que chega a ser atroz, chamamos a atenção da imprensa e por meio d'ela do governo, se n'ele ha quem olhe por isto como cremos que ha.

O nosso folhetim.—Principia n'este numero a publicação de um lindo romance da escola franceza, produto do engenho de Amadeu Achard, e que obteve os aplausos do publico em França. A tradução é livre, como deve ser, não se sacrificando á fórma o pensamento do autor. Os *Heroes da vida airada* constituem uma lição de moral, com quanto as scenas sejam extraídas da vida real. Pode dizer-se afoitamente que o romance pertence á escola realista, sem expôr ás vistas delicadas e ao olfato aristocratico das nossas elegantes as frescuras e as podridões, de que Zola e outros teem uzado e abusado, segundo eles por amor da arte.

Apresentadas estas explicações, na segunda pagina encontrará o leitor dado ás literaturas amenas, o começo da obra, que não se interromperá, para que não se perca o interesse, que aumenta de capitulo para capitulo.

Solicitador.—Acaba de estabelecer-se n'esta cidade como solicitador o sr. José Francisco Gomes da Veiga. No logar competente vae o respétivo anuncio.

Beneficencia.—E' o subscrever para o fim que abaixo vae especificado, para o qual chamamos a atenção de todas as almas caridosas.

Um infeliz sem meios de subsistencia e chefe de familia, corre risco de ir á cadeia pagar a multa de 50$000 reis d'um processo; para evitar esta desgraça, apelamos para a caridade publica e abrimos subscrição.

Transporte....	6$000

Concurso.—Acha-se a concurso o logar de escriturario de fazenda do concelho d'Albergaria.

Desordens.—Na noite de domingo houve varias desordens por ahi, tudo por causa dos efeitos... do vinho novo. Não ficou tudo em palanfrorio, porque um individuo do bairro piscatorio levou uma facada n'uma das mãos.

A charanga.—Tocou no domingo no jardim, com muito gosto, escolhidas peças do seu reportorio.

Lanchas poveiras.—Entraram hontem na barra d'esta cidade 12 lanchas poveiras com carga de sardinha pescada nas alturas de Mira. A venda efétuou-se logo, regulando as lanchas entre 110$000 e 140$000 reis, calculando-se que o preço de cada milheiro regulará por 1$300 aproximadamente. Alguma d'esta pesca foi para as mouras, esperando os mercanteis ocasião de a vender melhor, mais tarde.

Aborto.—No dia 3 do corrente, uma mulher de Valmaior, concelho d'Albergaria, deu á luz um singular aborto da natureza: eram duas meninas aderidas a um só tronco com um só umbigo: no rosto cada uma tinha os seus membros e orgãos distintos, separados e perfeitos. Nasceram com vida, que, apesar de efemera, ainda deu logar a que fossem batisadas.

Feira da Oliveirinha.—Teve logar no dia 22 este importante mercado mensal, sendo muito concorrido, e havendo abundancia de porcos cevados, que se venderam muito em conta.

Movimento. — Tem continuado a sair bastante sal, pela estação do caminho de ferro d'esta cidade.

Saida.—Hontem sairam a barra todos os navios que ahi se achavam ha tempo com carga de sal.

O tempo.—Estão uns dias formosos, e mesmo proprios do *verão de S. Martinho.*

Otogenaria.—Morreu no Alboi uma velhinha com 82 anos de edade.

Noticias Diversas

Tribunal administrativo. — No Porto já prestaram juramento e já se instalaram por conseguinte os membros do novo tribunal administrativo. Foi certamente o primeiro do paiz que assumiu as suas funções.

Festa de Santa Cecilia.—No magestoso templo de Santa Cruz, de Coimbra, foi no dia 21 do corrente celebrada uma soléne e aparatosa solenidade religiosa em honra de Santa Cecilia, a expensas da benemerita e acreditadissima banda marcial do regimento de infanteria n.º 23.

A egreja achava-se adornada de galas, e a concorrencia foi extraordinaria. A festa foi, de manhã e de tarde, a grande orchestra, em que tomou parte a mesma banda e alguns curiosos d'esta cidade, sendo habil e magistralmente regida pelo meu bom e dedicado amigo, o sr. Bernardo de Assunção, mestre e diretor d'aquela banda, musico insigne, profundo na arte que cultiva, maestro distinto, e cavalheiro de apreciaveis qualidades; e escusado será dizer que o desempenho excedeu o muito que se esperava, por isso que todos os executantes mostraram que se dedicam com entusiasmo ao estudo da musica, e que procuram conhecer-lhe todos os segredos que ela contém. A pessoas de reconhecida competencia ouvi eu dizer que ainda em Coimbra não tinham ouvido orchestra que tão favoravelmente impressionasse e prendesse toda a sua atenção, como foi aquela a que me refiro. E assim foi.

O *Tantum ergo*, de Badoni.
Lyrios e gloria, de Rossi.
Credo, de Pinho Junior.
Te-Deum, de A. Soares.
Santa Cecilia, sinfonia, do padre Moura.

Quando a festividade terminou, e quando a orchestra fez soltar as ultimas notas da sinfonia, todas as pessoas presentes se sentiram pesarosas por não se prolongarem por mais tempo aqueles momentos agradaveis que as bem combinadas harmonias de tão primorosas composições lhes tinham captado a atenção. O que é bom dura pouco, e foi isto o que aconteceu com a orchestra na festividade de Santa Cecilia, na qual unicamente se notou a falta de sermão, com especialidade quando o digno capelão do regimento de infanteria 23, dotado de muita inteligencia e possuindo profundo saber e conhecimentos, sem a menor duvida não deixaria, assim o crêmos, de contribuir com a sua competencia e ilustração para o maior brilho e esplendor da festividade, puramente militar, se porventura os devotos de Santa Cecilia se recordassem de o convidar para prégar o sermão.

Em todo o caso a festa tornou-se grandiosa e imponente, concorrendo tambem para que assim acontecesse a dedicação de alguns amigos, que da melhor vontade prestaram os seus serviços como homenagem á benemerita e prestimosa banda regimental, e ao seu ilustrado mestre.

O brioso e valente comandante do regimento, bem como os dignos oficiaes superiores e inferiores, quizeram tambem abrilhantar a festividade, assistindo a ela. Honra lhes seja.

F.

Um jejuador portuguez.—Escrevem de Guimarães sobre o aparecimento do jejuador portuguez:

«Antonio Borges Guimarães esteve ha anos na America, d'onde voltou ha cerca de quatro mezes. Viveu em Cuyabá, provincia de Mato Grosso, onde o seu repetido trato com os indigenas lhe fez conhecer muitos segredos da medicina caseira d'aqueles povos.

Conta que nas proximidades d'aquela povoação cresce espontaneamente e em grande quantidade uma pequena planta, de aspéto e estatura semelhante á nossa popula vulgar, e cuja raiz deixa escapar por meio de incisões um liquido branco, leitoso, com um cheiro pronunciadamente aliaceo e um gosto picante e *apimentado.* A raiz mastigada ou o suco dirétamente ingerido são aproveitados frequentemente pelas pessoas necessitadas, quando não podem recorrer a outros alimentos. Por este modo conseguem viver quinze, vinte e mais dias sem experimentarem a sensação da fome, nem abaterem sensivelmente nas suas forças.

Os naturaes dão-lhe o nome de *caragiuba.* Com o suco é possivel preparar-se um extrato concentrado, que gosa das mesmas propriedades, mas incomparavelmente mais acentuadas para a mesma dose. Calcula-se que uma colher de chá do extrato é capaz de produzir o efeito desejado para um dia.

O sr. Borges Guimarães não trouxe fortuna, não obstante o seu apego ao trabalho e a honestidade do seu carater. Casualmente, porém, a titulo de curiosidade para os seus patricios trouxe 4 frascos do extrato *caragiuba*, cujo modo de preparação lhe foi ensinado por um indigena.

As noticias vindas de França sobre os jejuns de Suci e Merlati, e a atenção com que lá fóra se considerava este fato, levaram-o a falar das virtudes d'aquela planta e a fazer prova d'ela, sujeitando-se a uma experiencia durante 60 dias, nos quaes lhe será apenas permitido o uso d'uma pequena colher do seu extrato e agua á discrição.

A experiencia deve começar por estes dias, recolhendo-se o sr. Borges Guimarães a um dos hospitaes d'esta cidade, onde ficará incomunicavel e sob a mais perfeita vigilancia d'uma comissão, que já está formada e se compõe de dois medicos, tres jornalistas e dois outros cavalheiros da nossa melhor sociedade.

Se a experiencia der resultado, está formada já a combinação entre varios individuos de se comprar o segredo do sr. Borges por uma quantia avultada.

Poesias ineditas de Mendes Leal.—E' o sr. visconde de Castilho quem está encarregado de colecionar as poesias ineditas de Mendes Leal. A edição é feita por conta do sr. conselheiro Chamiço, cunhado do ilustre poeta falecido.

Mercês honorificas. — Fizeram-se as seguintes:

Comendadores da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa—Ascanio Sebastião dos Remedios e Costa, residente em Nova Goa; cavalheiro Sager Roberto, camarista, chefe de seção no ministerio dos negocios estrangeiros do reino da Suecia; cavalheiro Rudebeck, Frederico, escudeiro da côrte no reino da Suecia; cavalheiro Lilichöök, Axel, ajudante de campo de sua magestade el-rei da Suecia e Noruega, comandante do vapor *Drott*; cavalheiro de Stockenström, Henrique, camarista de sua magestade a rainha da Suecia e Noruega; capitão Key, Axel, ajudante de campo de sua magestade el-rei da Suecia e Noruega.

Comendadores da ordem militar de S. Bento de Aviz—Conde Taude, Eduardo, coronel, comandante da cidade de Stockholmo, no reino da Suecia; José Ignacio de Oliveira, general de brigada; Antonio Candido da Costa, coronel de artilheria 5; D. Rodrigo de Almeida e Silva, coronel do estado-maior de cavalaria; Luiz Pires Monteiro Bandeira, coronel de cavalarta 9; Ignacio Maria de Moraes Carmona, coronel de cavalaria 6; Godofredo Edmundo Alegro, tenente-coronel de engenheria; Francisco Bernardino de Sá Magalhães, tenente-coronel do corpo do estado-maior; Augusto Maria de Almeida Garcia Fidié, general de brigada reformado; Joaquim Guilherme de Vasconcelos Azevedo e Silva, major reformado.

Oficial da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, do merito scientifico, literario e artistico—Cavalheiro Smit, Frederico, professor intendente das sciencias no reino da Suecia.

Cavaleiros da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada de valor, lealdade e merito—Barão Wedel Jarlsberg Fritz, secretario no ministerio dos negocios estrangeiros no reino da Suecia; Balck Victor, capitão do regimento de infanteria de Nericia no reino da Suecia.

Cavaleiros da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo — Cavalheiro Carlisson, Frederico, tenente de marinha no reino da Suecia; barão Leyonhufond, Sten, tenente do regimento de Sudermama, no reino da Suecia; cavalheiro Berenerentz, Adolfo, gentil-homem da camara no reino da Suecia; dr. Boettiger, João, intendente da côrte e das coleções artisticas de sua magestade el-rei da Suecia e Noruega; cavalheiro Björksten, C. G. R., intendente do palacio no reino da Suecia; cavalheiro Hagberg, P. A., chefe do serviço pessoal de sua magestade el-rei da Suecia e Noruega; cavalheiro Trithiof Cronhamn, tradutor no gabinete de sua magestade el-rei da Suecia e Noruega; Augusto Fouchard, cidadão francez; Theodoro Charles Alexandre Ledoulx, chanceler do consulado de França em Gibraltar; Antonio Luiz Theofilo de Araujo Wadington, tenente de infanteria 13.

Cavaleiros da ordem militar de Nossa *Senhora da Conceição* de Vila Viçosa—Cavalheiro Osterman, Christopher, capitão de caçadores a cavalo da Jemtland, no reino da Suecia; cavalheiro Ekenstam, G. T. E., capitão do regimento de hussares do principe real da Suecia; cavalheiro Lagerhoim, Elie, capitão de artilheria no reino da Suecia; cavalheiro Brömsen, Arthur, capitão de artilheria no reino da Suecia; cavalheiro Toren, Axel, tenente de artilheria no reino da Suecia; cavalheiro Stuart, João, secretario adjunto á direção da nobreza, no reino da Suecia; conde Wrangel, Hermano, secretario no ministerio dos negocios estrangeiros, no reino da Suecia; cavalheiro Sydow, Fingal, capitão do porto de Stockholmo, no reino da Suecia; cavalheiro Hintze, Theodoro, chefe adjunto á policia no reino da Suecia; barão Carlos Gustavo Wrangel, capitão intendente do 1.º regimento da guarda real no reino da Suecia; Engelberth Emilio Arntzen, subdito de sua magestade el-rei da Suecia, vice-consul de Portugal em Copenhague; Bertel Sederholm, subdito de sua magestade el-rei da Suecia, vice-consul de Portugal em Malmo.

Cavaleiros da ordem militar de S. Bento de Aviz—Domingos Joaquim de Menezes, facultativo reformado da provincia de Cabo Verde, com a graduação de capitão; João de Azevedo Pinto Coelho, capitão do exercito da Africa Ocidental; barão de Kentzow, Alberto, capitão do regimento de infanteria da guarda no reino da Suecia; cavalheiro Peyron, Axel, capitão do regimento da guarda a cavalo no reino da Suecia; cavalheiro Boeckström, A. E. O. A., capitão do segundo regimento de infanteria da guarda no reino da Suecia.

Caminhos de ferro da Beira Baixa.—O *Diario* publicou a seguinte portaria:

Sua magestade el-rei, conformando-se com o parecer da junta consultiva de obras publicas e minas, aprova o projéto definitivo apresentado em 27 de setembro do corrente ano pela companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, do primeiro lanço da segunda secção do caminho de ferro da Beira Baixa, entre Castelo Branco e Alpedrinha na extensão de 33:440 metros: e autorisa a respétiva construção com as tres seguintes reservas:

1.ª Que da aprovação do projéto d'este lanço não resulta compromisso quanto á resolução sobre a continuação da linha ferrea de Alpedrinha á Covilhã, podendo ainda na ultima parte do traçado proximo a Alpedrinha haver modificações.

2.ª Que o local para a estação de Alpedrinha só será fixado quando for submetido á aprovação o projéto do segundo lanço da segunda secção.

3.ª Que a execução das estações e casas de guarda dependerá da aprovação dos projétos que para este efeito serão oportunamente apresentados.—*Emygdio Julio Navarro.*

Para o diretor da fiscalisação dos estudos do caminho de ferro da Beira Baixa.

Juizes de paz.—O *Diario do Governo* publicou tambem o seguinte decreto:

«Havendo o decreto de 29 de julho ultimo transferido para os juizes de paz, na maxima parte dos respetivos distritos, as atribuições judiciaes dos juizes ordinarios, não tendo por isso, os atuaes juizes de paz sido eleitos para exercerem estas novas funções, visto que o foram antes da publicação do mesmo decreto:

Considerando que a carta constitucional determina no artigo 129.° que os juizes de paz sejam eletivos pelo mesmo tempo e maneira que se elegem os vereadores das camaras e sendo certo que no presente ano tem de proceder-se á eleição geral dos corpos administrativos:

Hei por bem determinar que se proceda tambem n'este ano ás eleições dos juizes de paz, devendo para esse fim os governadores civis dos diversos distritos designar os dias em que elas devam fazer-se, observando as disposições do artigo 310.° § 3.° do codigo administrativo e a mais legislação aplicavel.

O presidente do conselho de ministros, e secretario d'estado dos negocios do reino, e o ministro e secretario d'estado dos negocios eclesiasticos e de justiça, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 12 de novembro de 1886. =Rei.—*José Luciano de Castro—Francisco Antonio da Veiga Beirão.*

Despachos de justiça.—Fizeram-se os seguintes:

Promovendo á 2.ª instancia e nomeando para a relação dos Açores o sr. juiz de direito de Barcelos, Adriano Carneiro Sampaio.

A juizes de direito de 1.ª classe os srs. José Ramos Nogueira, de Santa Combadão para a Horta; Manuel de Beires, de Cantanhede para Agueda; João Rodrigues de Azevedo, do Cartaxo para Santarem.

A juiz de 2.ª classe os srs: Eduardo Pereira Tovar de Lemos, de Cuba para Santa Comba-Dão; Teixeira Sampaio, de Caminha para Moncorvo; Silva Leote, de Aldeia Galega para Moura; Fernandes Braga, de Miranda do Douro para Monte-Mór-o-Novo.

Transferindo, a seu pedido, os juizes de direito de Santarem para Barcelos, Mendonça d'Antas; de Agueda para Estarreja, Rocha Martins; da Horta para a Covilhã, Joaquim da Cruz; de Moncorvo, para Cantanhede, José de Medeiros; de Monte-Mór o Novo para o Cartaxo, Lobo de Moura; de Mertola para Cuba, Guerreiro Faleiro; de Mação para Aldeia Galega, Adriano Sá; da Ilha do Pico para Mertola, Carlos Xavier; de S. Vicente para Miranda do Douro, Amaral Guerra; de Santa Cruz para a Golegã, João Augusto da Penha Coutinho; da Ilha das Flores, para Caminha, Candido Augusto de Oliveira; da Ilha de Santa Maria, para Reguengos de Mousaraz, Anastacio Cupertino Guerreiro Lourenço.

Nomeando juizes de direito; os delegados de Alijó, Pereira da Mota, para S. Vicente; de Taboa, Viegas e Lima, para a ilha das Flores; de Pedrogão Grande, Barros Machado, para a ilha do Pico; de Alemquer, Fortunato Melo, para Mação; de Vieira, Araujo Fonseca, para a ilha de Santa Maria; de Sinfães, Pires da Costa, para Santa Cruz.

Transferindo os delegados: de Mação para Alijó, João Ferreira da Silva Guimarães.

Nomeando delegados na comarca de Mação, Gaspar Teixeira de Queiroz Coelho de Castro e Vasconcelos; de S. Vicente, J. R. Ferreira Girão; sub-delegado de Mogadouro o sr. Augusto de Carvalho, escrivão de direito de Anadia, o sr. Freitas de Abreu; de Tondela, o sr. Augusto Belo, Maldonado Horta e Vale no impedimento do sr. Roiz de Melo; da 3.ª vara de Lisboa, o sr. Cesar Augusto Belo.

Exonerado do oficio de escrivão substituto da 5.ª vara de Lisboa Silveira Pinto; e o escrivão do juizo de paz de Vila Boa de Quires, em Marco de Canavezes, Pereira da Mota.

Transferindo reciprocamente, a seu pedido, os contadores e distribuidores das comarcas de Penafiel e Trancoso, Sousa Campos e Mendes de Vasconcelos.

Despachos de correios e telegrafos.—Verificaram-se os seguintes:

Antonio Caetano de Moura, encarregado da estação de 5.ª classe em Rezende, transferido para identico logar em Vimioso.

Antonio Joaquim Pinto, nomeado encarregado da estação de 5.ª classe em Rezende.

Adelino Lopes Carreira, idem em Castelo de Vide.

Cipriano Dias Simões de Carvalho, ajudante na diréção telegrafo-postal de Coimbra, nomeado aspirante auxiliar, com exercicio na mesma diréção.

Manuel Pereira Vieira, nomeado encarregado da estação de 5.ª classe em Luso.

Despachos de instrução.—Efétuaram-se os seguintes:

Antonio Francisco da Costa Lima, provido definitivamente no logar de lente substituto das cadeiras de matematica da escola politecnica de Lisboa.

Xavier da Cunha, nomeado, precedendo concurso, para o logar de conservador da repartição dos impressos da biblioteca nacional de Lisboa.

Antonio José de Macedo, provido, precedendo concurso, no logar de professor da escola anexa á escola normal de 2.ª classe da cidade de Evora.

Antonio de Sousa Guerra, sub-inspétor de instrução primaria do circulo escolar de S. João da Pesqueira, autorisado a estar ausente do serviço por trinta dias, para tratar da sua saude.

Inverno.—Desde o momento em que o nosso planeta, no curso da sua trajetoria pelos espaços. começa a percorrer o arco da sua orbita mais proximo ao sol,—proximidade que apenas se conta por 37:700,000 leguas!—desde o momento em que nos aproximamos do solsticio de dezembro, e chegam até nós os raios solares com a maior obliquidade, começamos a sentir as delicias do inverno, taes como se manifestam nos atuaes momentos.

O abaixamento da temperatura, tanto maior quanto mais nos aproximarmos dos polos, traz comsigo imensa variedade de fenomenos, de acidentes e espetaculos, tanto no mundo fisico, como no mundo social.

A natureza despe-se de todas as galas do outono, restos da sua primitiva grandeza primaveral, e envolve-se no branco sudario das neves. Parece que a vida se apagou no mundo exterior, e é certo que no seio da terra se guardam e concentram todas as forças e elementos vitaes, que ali se elabora uma nova vida, cujas manifestações esplendidas aparecerão, n'essa especie de resurreição a que assistimos ao chegar da formosa primavera.

Essa mesma concentração de vida na natureza é que provoca o inverno na so, ciedade. Aflue todo o mundo ás cidades, e nas aldeias aproximam-se as familias antes dispersas pelas ocupações ou recreios, estreitam-se os vinculos e relações sociaes, e parece que se avisinham os corações para se comunicarem o doce calor dos afetos.

Tem-se falado mil vezes dos invernos celebres pelo rigor dos frios e pelo desastroso dos seus efeitos, e não reproduziremos mais uma vez essa larga lista. Lembraremos unicamente que nos paizes setentrionaes se experimentam temperaturas que parecem verdadeiramente insuportaveis para o homem. Durante o inverno de 1834. Na America do Norte, o termometro desceu a 8 40.°, ponto de congelação de mercurio; desde então o fenomeno da congelação do mercurio é coisa habitual nos invernos d'aquele paiz e na Siberia. Na ilha de Melvil, o fato dá-se ao ar livre, durante cinco mezes no ano. Em uma das suas viagens, o capitão Ross carregou a sua espingarda com uma bala de mercurio gelado, e o projétil atravessou uma taboa da uma polegada de grossura. No inverno de 1808 a 1809, o termometro desceu em Moscow a 42.° e 44.° abaixo de zero.

Nos povos onde reina semelhante temperatura, usam-se, tanto por parte de nacionaes como de estrangeiros, toda a especie de precauções, para se garantir e salvar o individuo que se expõe á intemperie. O nariz e orelhas são objetos de especiaes cautelas. E como estas podem congelar-se sem a menor dôr, a policia, em algum d'aqueles povos, tem o filantropico encargo de advertir os tranzeuntes ácerca do estado do seu semelhante.

Passando um dia de inverno pelas ruas de S. Petersburgo a celebre tragica franceza Rachel, um desconhecido correu sobre ela e começou a fricionar-lhe fortemente o nariz... Era um policia que via perigar aquele precioso apendice do rosto da formosa artista...

Não é só na sociedade e na natureza, que o inverno tem importancia,—é tambem na arte. Os poetas cantaram as suas tristuras e melancolias, os pintores e escultores tomaram d'ele tema para as suas creações, e em diversas epocas o tem representado sob varias figuras symbolicas.

No museu do Vaticano existe uma estatua, descoberta em 1805, n'umas ruinas de Ostia, que representa o *Inverno* sob a figura d'uma mulher formosa, deitada em terra com um facho na mão, rodeada de uma tartaruga e duas cegonhas, cavalgadas por outros tantos geniosinhos. A estação glacial tem inspirado os mais diversos e adoraveis caprichos aos artistas modernos. Existem em todos os museus e academias do mundo alegorias mais ou menos preciosas e admiraveis.

Os paisagistas e pintores de genero utilisaram maravilhosamente nos seus quadros os efeitos e espetaculos do inverno.

Os nerlandezes, particularmente, mostraram especial predileção pelas scenas em que aparecem congeladas as superficies dos rios e lagos do seu paiz, sulcados por *trenós* e *patinadores*.

Basta o trénó para symbolisar a estação dos gelos. O trenó é a mais antiga e rudimentar das carruagens, e usou-se primitivamente armado de redeas ou de rodas, para caminhar não só no gelo, mas tambem sobre a terra.

Mas este meio de transporte foi já completamente abandonado nos paizes meridionaes. Unicamente se conserva nos do Norte, onde os gelos e neves constituem imensas superficies duras, compatas e resistentes. Esses vehiculos transportam viageiros e mercadorias. Nos primeiros a arte emprega toda a sua opulencia e graça, e a comodidade todos os seus beneficios; os que pertencem a pessoas abastadas, além de afetar fórmas caprichosas e galhardas, são interiormente forrados de veludo e ricas peles, para resguardar os viajantes dos rigores dos frios.

Nas geladas planuras da Laponia, Siberia e Norte da Europa, veem-se verdadeiras legiões de trenós tirados por cavalos, rangifers ou cães de esquimos. Os trénos de recreio, os que os opulentos russos usam para passeio, assim como os inglezes, suecos e noruegezes, são geralmente impulsados por habeis patinadores que, lançados em vertiginosa marcha sobre extensas planicies de gelo, descrevem corrétas curvas, desenhos e figuras, e ao mesmo tempo se proporcionam as emoções d'essas velozes carreiras, que nós desconhecemos geralmente, onde o sol, graças a Deus, nos livra de semelhantes venturas, em troca de outras não menos poeticas e, seguramente, mais positiva e estimaveis.

Novo genero d'alimentação.—Na Alemanha está-se vendendo a carne de cão ao preço de 10 e 15 centimos a libra. E' grande, por parte das classes trabalhadores, o consumo d'este genero. Dizem os medicos que o uso d'ela é bom para as aféções pulmonares.

Novas de Longe

Castelar e Camões.—No celebrado discurso que o eminente orador hespanhol D. Emilio Castelar proferiu em um banquete que lhe foi oferecido em Pariz, discurso relativo á aliança das raças heleno-latinas, o grande tribuno disse a respeito do nosso Camões:

«O poema de Tasso, que canta as expedições religiosas das nossas raças na Asia, por meio de aridos desertos, para a conquista de um sepulcro santo, completa-se com o seu grande contemporaneo o poema de Camões, que poetisa a descoberta de novos mundos pelo genio portuguez e hespanhol nas solidões infinitas do Atlantico e do Pacifico.»

Este periodo, que Castelar proferiu com toda a magestade dos seus dotes oratorios, recebeu prolongados e ruidosos aplausos e vivas aclamações de todos os circumstantes.

Patti.—A estas horas, a Patti vae a caminho da America, onde emprehenderá uma grande excursão artistica, a ultima da sua carreira. A *tournée* durará seis mezes, pagando-se-lhe além das despezas de viagem, 135 contos de reis, ou 30:000 libras sterlinas. Um trem especialmente construido para ela, conduzil-a-ha d'uma cidade a outra. Acompanha-a Nicolini, e uma *troupe* completa, de que fará parte um joven tenor chamado Guilé, que madame Patti descobriu.

O trono da Bulgaria. — Dizem de Londres que, convidadas as grandes potencias a designar candidato ao trono da Bulgaria, estas deixaram á Russia a iniciativa, propondo esta o principe de Mingrelia.

Por unanimidade as grandes potencias aceitaram aquele candidato e é de esperar que termine com esta solução o conflito entre [illegible] Russia e a sobranje bulgara.

O principe Nicolau Davidovitch Dadian da Mingrelia nasceu em 1847 e pertence á religião grega ortodoxa. Recebeu a sua educação em S. Petersburgo no corpo dos pagens e dos cadetes da guarda, sendo nomeado em 1867 oficial das guardas do corpo. Quando atingiu a maioridade, renunciou solénemente a todos os seus direitos á soberania da Mingrelia, paiz anexado ao imperio russo.

Em 1875 casou com a filha do conde Alexandre Vladimirovitch Adleberg, ministro no tempo de Alexandre II e personagem influente da côrte russa. Graças á protéção do sogro tomou posse do apanagio pertencente á sua familia. Nomeado coronel, ficou adido ao quartel-general do imperador durante a guerra turco-russa. Em seguida fez parte do ministerio do interior.

Os laços que o unem á côrte russa e o seu passado justificam plenamente a confiança que parece n'ele deposita o governo de S. Petersburgo e a escolha de que foi objéto para ocupar o trono da Bulgaria.

Merlati.—No dia 16 Merlati entrou no seu vigessimo dia de jejum. O estado fisico conserva-se estacinoarto. Augmentou um pouco a quantidade de agua que bebe por dia, notando se que é ao meio dia e ás 7 horas, isto é, ás horas habituaes das refeições, que Merlati absorve a maior parte da sua ração de agua filtrada.

O peso de Merlati, que era de 61 kilogramas no principio do jejum, desceu a 53. Nos braços e nas pernas os ossos mostram-se á flor da pele. Entretanto, a anemia não se mostra bastante acentuada e a força dinamometrica não tem diminuido sensivelmente. A temperatura corporal baixou ligeiramente; o pulso mostra-se normal e regular. A junta medica redobra de atenção, por julgar que se vae entrar no periodo critico.

Merlati continúa mostrando-se resolvido a prolongar a sua experiencia até o praso fixado, mas os medicos duvidam de que tenha forças para tanto.

A afluencia dos visitantes é grande, sendo recebidos do meio dia ás 6 horas da tarde. De manhã só os medicos e os jornalistas é que são admitidos. Nas paredes do aposento em que está Merlati vêem-se afixados avisos pedindo aos visitantes que não o façam falar, a fim de lhe evitar uma fadiga inutil. Apesar d'estes avisos, os curiosos importunam o jejuador com perguntas por vezes indiscretas. Alguns professores da faculdade de medicina de Pariz téem ido visitar ultimamente Merlati e todos lhe dão os parabens pela sua energia moral.

Merlati dorme bem e passa a noute de um sono só. Unicamente de madrugada tem alguns pesadelos que o deixam um tanto prostrado e abatido.

O suicidio de Napoleão Boccagiovine.—Escrevem de Roma que na madrugada de domingo, 14, se suicidou no palacio de sua mãe, o sr. Napoleão Bocogiovine, filho mais velho do marquez Alexandre Bocagiovine, e de Julia Bonaparte: o qual contava trinta e seis anos de edade.

O finado tinha servido na legião extrangeira durante a guerra do Tonkin, ficando ali gravemente ferido. Era homem de um carater extraordinario e sombrio, mas era ao mesmo tempo, no seu todo, muito simpatico, e dedicava-se especialmente á caça, á esgrima e ás corridas de aavalos, frequentando muito pouco os salões e os teatros.

Ha algum tempo a esta parte que se tinha tornado muito melancolico, e tanto que de dia e noite velava a seu lado um criado particular. No sabado sahiram ambos juntos para dar um passeio a cavalo para o lado do Coliseu.

A's onze horas deitou-se Napoleão Bocagiovine, depois de ter despedido o criado. Mas ás duas horas e meia da madrugada apresentou-se a este que velava em um aposento contiguo, vestido inteiramente de preto, e palido como um defunto. Pediu uma chavena de chá, a qual lhe foi servida imediatamente. Em seguida despediu-se do criado. Deixou, porém, a este o presentimento de uma catastrofe. No entretanto o criado sahiu do quarto em que ficava Napoleão Bocagiovine. deixando-o assentado n'uma cadeira de braços com um livro na mão.

Tres quartos de hora depois sentiu-se uma detonação, e correram logo ali o criado particular e o porteiro. O sr. Bocagiovine tinha disparado um tiro de pistola contra o lado esquerdo do peito, tendo a bala sahido pelo lado direito.

Sobre a mesa em que costumava escrever encontrou-se um papel com algumas palavras escritas precipitadamente, as quaes diziam:

«Deixo o meu alfinete á duqueza X... Lego todo o meu dinheiro ao meu criado particular, como recompensa do seu muito afeto.»

Estrelas cadentes n'este mez. — A imprensa estrangeira, fundando-se nas observações e nos calculos do sabio astrono Copeland, anuncia uma chuva de estrelas cadentes no corrente mez de novembro, entre 15 a 28, chuva que, segundo aqueles calculos, será tão brilhante e abundante, como a que se observou a 27 de novembro do ano passado.

Este fenomeno cosmico, um dos mais curiosos e imponentes da natureza, só se realisa com largos intervalos de tempo, e o espétaculo não póde deixar de ferir vivamente a atenção dos povos, como aconteceu o ano passado.

E' verdadeiramente magestoso.

No meio de uma atmosfera limpida e transparente inflama-se de repente o céu e uma infinidade de meteoros cruzam em todas as diréções a abobada celeste, como chispas inexgotaveis de um incendio poderoso.

A imaginação do povo, sempre propensa ao maravilhoso, impressionada pelo inesperado do fenomeno, dá lhe uma significação sobrenatural, considerando-o presagios sinistros, havendo até quem acredite em que seja anuncio do fim do mundo.

As chuvas de estrelas cadentes mais célebres dos ultimos tempos téem sido as de 1799; 1833, 1866 e finalmente 1885.

O CONIMBRICENSE

Saudando o nosso presadissimo colega do *Conimbricense* por haver completado na ultima terça-feira mais um ano da sua já longa existencia, transcrevemos jubilosamente o belo artigo com que ele comemorou este memoravel acontecimento. Eis o artigo:

Hoje, 17 de novembro de 1886, entra este periodico no 40.° ano da sua publicação.

Quatro decenios na existencia de um periodico, se mesmo no extrangeiro não é nada vulgar, em Portugal é caso para ser comemorado.

No continente do reino, á excécão da folha oficial, é o *Conimbricense* o 3.° periodico politico em que se dá esta rarissima circumstancia.

O primeiro é a *Revolução de Setembro*, que principiou em 22 de junho de 1840; o segundo é a *Nação*, que começou em 15 de setembro de 1847; e o terceiro é o nosso periodico, que com o primitivo nome de *Observador*, começou depois da *Nação*, em 16 de novembro de 1847.

Anteriormente foi sempre efemera a existencia dos periodicos publicados em Coimbra.

Desde o primeiro, a *Minerva Lusitana*, que começou em 1808, quasi nenhum periodico de Coimbra chegou a durar um ano. Em regra eram expressamente publicados por ocasião de algum acontecimento notavel, cessando o qual terminava o periodico. Alguns chegaram a não passar do primeiro numero.

Por exemplo publicaram-se em 1836, o *Academico*, para defender a Universidade dos seus inimigos de Lisboa, e o *Piloto*, para a luta eleitoral de julho d'esse ano; em 1840, tambem para outras eleições, o mesmo *Piloto*, o *Tira-Teimas* e o *Cometa*; em 1842, a *Restauração da Carta*, para auxiliar a restauração d'esse codigo politico, e assim outros.

No ano de 1846 publicaram-se n'esta cidade tres periodicos politicos—o *Grito Nacional*, o *Povo*, e o *Boletim Oficial de Coimbra*.

Com o desastre de Torres Vedras, em 22 de dezembro do mesmo ano, tiveram de cessar a sua publicação os tres referidos periodicos, que eram decididos propugnadores da resistencia da nação contra o ministerio palaciano, saído da *emboscada* de 6 de outubro no paço de Belem.

Logo que se retiraram as forças populares de Coimbra para o Porto, publicou-se n'esta cidade, no dia 4 de janeiro de 1847, o primeiro numero do famigerado periodico cabralista, o *Boletim Cartista de Coimbra*, o qual deixou de se publicar em 8 de julho do mesmo ano, havendo acabado a guerra civil.

Regressando em seguida a esta cidade muitos membros do partido popular, uns que haviam estado presos, e outros tinham militado nas fileiras da junta do Porto, resolveu-se, visto não haver n'essa época periodico algum em todo o continente do reino, fóra de Lisboa e Porto, que se publicasse em Coimbra um periodico da oposição, para combater as violencias que se exerciam por toda a parte, e especialmente n'este cidade.

D'ahi veiu a existencia do *Observador*, que principiava o artigo do seu primeiro numero, em 16 de novembro de 1847, dizendo:

> «Começamos hoje a publicação de um novo jornal em Coimbra, e não ignoramos as dificuldades que embaraçam a nossa empreza. Os resultados que aqui teem obtido tentativas analogas, não nos são tão inteiramente desconhecidas que se possa dizer de nós que nos propomos a vencer uma dificuldade, sem primeiro medirmos as nossas forças.»

Não foram, felizmente, enganosas as esperanças, manifestadas ao principiar a publicação d'este periodico.

Entrando hoje no 40 ano da sua publicação, podemos com uma desculpavel ufania olhar satisfeitos para os 39 volumes, correspondentes a outros tantos anos, que aqui estamos vendo em uma das nossas estantes, e recordarmo nos das lutas, da tenacidade, e dos incessantes esforços que teem sido necessarios para fazer chegar o *Conimbricense* á sua já tão longa existencia!

E terá sido de todo inutil e ingloria a missão d'este periodico? De certo não.

Julgamos que esta vasta coleção do *Observador* e *Conimbricense*, a unica inteiramente completa que existe. será no futuro mais de uma vez consultada com algum proveito; e em todo o caso demonstrará que houve em Coimbra um filho do povo, que sem o mais insignificante estudo e exame oficial, unicamente pelo seu perseverante trabalho, pelo vivissimos desejo de se instruir, por um inexcedivel afeto a esta boa terra, sua patria, e por um entranhado amor pela justiça e pela liberdade, e profundo odio á tirania e ao depotismo, havendo por isso sofrido crueis perseguições, alguma cousa fez, que não deixará que o seu modesto nome venha a ficar, além da campa, de todo esquecido.

Não seria facil enumerar detidamente os serviços prestados pelo *Conimbricense*, durante a sua existencia. A segurança publica, o castigo dos criminosos, os interesses moraes e materiaes, especialmente de Coimbra, a defeza da liberdade, e a resistencia á opressão, tem ocupado largas paginas d'este periodico.

As investigações historicas tem sido aqui tratadas com um desenvolvimento, que supomos não terá sido excedido em qualquer outro periodico do paiz. E sem duvida não pouco temos contribuido para se corrigirem numerosas inexatidões, e feito adquirir o habito do rigor na exposição dos factos, evitando que os livros historicos continuem a propagar os vergonhosos erros, que geralmente se estão vendo.

*

Depois d'estas recordações do passado segue-se proseguir em a nossa tarefa, até que nos faça parar no caminho a absoluta falta de forças, o que não será para admirar, em vista da nossa idade já avançada de 64 anos, e de um trabalho excessivo e incessante.

Cumprimos, no entanto, um indeclinavel dever agradecendo cordealmente aos nossos bons assignantes, que nos tem eficazmente auxiliado n'esta empreza. A todos aqui deixamos registado o nosso reconhecimento.

Egualmente não nos esquecemos de agradecer aos estimaveis colegas da imprensa periodica, que desculpando as nossas faltas nos tem tratado com uma benevolencia que sumamente nos penhora.

E em particular seja-nos permitido manifestar os mais vivos agradecimentos á nossa cidade de Coimbra, a qual nos tem dado numerosas provas de que se não esquece dos esforços que havemos empregado pelo bem estar de todos os seus habitantes.

Agora, ávante, pelo progresso, pela civilisação e pela liberdade!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Arabescos e Miniaturas

O CACHIMBO

Não sei se os repazes de agora são perdidos por fumar, como eram os do meu tempo, quando tinham treze a quatorze anos. Não será essa a moda? No tempo em que eu estudava latim, fumar para nós tinha a doçura encantadora do fruto prohibido; passar pelas ruas da nossa pequena cidade mascando um charuto, parecia-nos o ante-gosto dos prazeres e das prerogativas da idade viril. Nos intervalos das aulas, entregavamo-nos com uma estoica perseverança a laboriosos exercicios de fumar. Porém, como os nossos paes não nos animavam e o dinheiro não abundava nas algibeiras, engenhavamos a maneira de substituir os charutos demasiado caros por outra qualquer coisa menos custosa. Por isso, as hastes sêcas e fibrosas da clematite selvagem, cortadas entre dois nós, déram-nos ao principio a ilusão de um belo fumo azulado; mas isso deixava a desejar como perfume, é um belo dia substitui insipida clematite por folhas de menthe picadas, que nós fumavamos gravemente em pequenos cachimbos baratos.

O encanto da novidade seduziu-me durante algum tempo, depois enfastiei-me do cheiro medicinal das folhas de menthe e tive aspirações de fumar tabaco, o verdadeiro tabaco em cachimbos verdadeiros, sérios e artisticos, d'esses que dão honra ao possuidor, como os que eu via na boca dos fumistas mais notaveis do nosso bairro.

*

Um d'eles, sobretudo, tinha o dom de excitar a minha admiração e a minha inveja. Era um negociante de panos, chamado Bigeard, cuja casa defrontava com a nossa na rua do Burgo. A' hora em que chegavam as diligencias, via eu Bigeard radiante e gordo encostar-se á hombreira da porta e assistir á passagem da mala-posta, tirando do seu cachimbo grandes e sucessivás fumaças. A' tarde, quando a rua se animava com o vae-vem dos operarios que voltavam aos armazens, encontrava-o no mesmo sitio, digerindo o jantar n'uma nuvem de fumo. O seu

Folhetim

AMADEU ACHARD

OS HEROES DA VIDA AIRADA

I

PRIMEIRA ENTRADA

No outono de 1844 acabava Pariz de perder os jardins do antigo Tivoli transformados então pela especulação mercantil n'um vastissimo campo de prosaica alvenaria.

Pobres jardins!

Em qualquer castelo á beira do Rheno tel-os-ia achado lindissimos o bom gosto dos viajantes, e lembraria dizer d'eles como o visconde de Almeida Garret falando de Cintra:

> .... amena estancia,
> Trono da vecejante primavera,
> Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
> Uma hora da vida lhe ha corrido,
> Essa hora esquecerá?...........

Na Alemanha adoral-os-iam; em Pariz arrazaram-n'os!

Tapetes de relva, bosques de tilias, pavilhões graciosos, frescura de repuchos, tudo isso fôra vandalicamente derrubado, e restava apenas n'um triste montão de ruinas um perfeito arraial de pedreiros, caraterisado pela mais deploravel aglomeração de cal e areia por entre tijolos e pedregulhos.

Tinham vindo os arquitétos, de cordel em punho e linha de prumo na mão, abrindo ruas e riscando palacios a cada canto.

E as ruas lá estavam, muitas d'elas calçadas já e até iluminadas pelos lampeões municipaes; só os edificios é que não passavam ainda de projéto, a ponto de que *o mais sumptuoso dos palacios a* construir jazia ainda no mesmo nivel que o solo, e todavia era essa a mais adiantada das construções; calcule-se por aqui em que estado se encontraria todo o resto.

Verdadeiro terreno de castelos no ar... para não dizer imaginarios!

Pelos fins do mez de outubro d'esse ano, uma tarde cerca das cinco horas, parava um trem junto á esquina da rua Boursault para a rua Pigale.

Em seguida apeou-se uma senhora pulando com presteza para o lagedo do passeio, e depois de pagar ao cocheiro seguiu pressurosa em diréção á rua Branca.

A nossa desconhecida viera sósinha no trem, e ao apear-se tinha composto as pregas do vestido com a rapidez de um simples movimento a que as parisienses juntam uma graciosidade indescritivel; em seguida com rapidez não somenos passára as duas mãos por debaixo do veu ageitando e alisando o cabelo que lhe caía suavemente aos lados do rosto em gentil saca-rolhas; depois puxou novamente o veu para a cara, arregaçou subtilmente e um quasi nada a orla do vestido, e eil-a a fugir e a desaparecer agil e veloz como se fôra uma avesita.

Usava chapeu e capa de veludo preto, punhos de renda e luvas finissimas, que conspiravam deveras entre si para denunciarem a delicadeza extrema de uns pulsos adoraveis. Junte-se á simplicidade no trajo uma completa ausencia de joias; por tudo isto, e sobretudo por um certo não-sei-quê respirando decencia, graciosidade e distinção no porte, ficava facil conjecturar que esta mulher não pertencia certamente áquele grupo de colonias errantes, que começavam por essa epoca a povoar a rua Pigale e a rua Rochefoucauld. Como de manhã tinha chovido, estava *o caminho todo enlameado, e convertido* n'um verdadeiro charco intransitavel, sobretudo nos passeios lateraes da rua, onde os trabalhos de construção mais aumentavam ainda a espessura d'aqueles atoleiros; em certos sitios havia barrancos de tal ordem, que podia bem dar-se-lhes o nome de verdadeiros precipicios; de espaço a espaço via-se agitada pelo venta do outono alguma arvore, que por casualidade havia escapado como reliquia d'aqueles belissimos jardins, onde sem duvida Paris tinha aprendido a tomar gosto pelas flores; a um canto, lá mesmo no fundo de toda esta tristonha devastação, divisavam-se ainda as paredes e os gradeamentos de ferro, saudosos restos d'aquelas antigas estufas em que tantos arbustos raros e preciosos tinham florescido; no lado oposto um comoro de relva sombreado por acacias estava como a pedir piedade ao furor dos arboricidas; e em frente, á entrada mesmo da rua Branca, servia para completar este quadro um grande letreiro espetado em dois postes anunciando ao publico os metros de terreno que restava ainda para vender.

Como pelo meio da rua havia menos lamaçal que nos lados, a desconhecida ia caminhando mesmo pela parte central, e a verdade é que tocava tão subtilmente com a pontinha dos pés na calçada, que até as botinhas lograram graciosamente sair ilesas d'aquele atoleiro; uma nadita de meiasinha branca, que de espaço a espaço mal se lhe poderia bispar, mostrava se irrepreensivelmente puro do mais leve salpico; outro tanto se poderia dizer das fimbrias do vestido, o qual todavia não distava arregaçado do chão mais do que duas polegadas, quando muito.

Aquilo era mais deslisar ou voar do que verdadeiramente andar e pisar o solo, porque no meio de tudo a desconhecida caminhava rapida e ligeira, como se levasse pressa em chegar ao ponto do seu destino.

Mais ainda: quem estivesse ás janelas do unico predio então construido na esquina da rua Boursault teria notado, que a gentil desconhecida antes de se apear do trem havia inclinado a cabeça fóra da portinhola e olhado n'um relance para todos os lados da rua; só depois de certificar-se de que nada havia que a pudesse inquietar, é que ela tinha começado a sua derrota com aquela precipitação de que já se falou, precipitação que podia muito bem ser o indicio de qualquer secreta preocupação.

Depois de percorrer a rua Boursault em toda a sua extensão, aquela mulher voltou sobre a esquerda, e foi descendo pela rua Branca até parar á porta de um palecete que tinha pateo de entrada e jardim no fundo.

Mesmo ao entrar, porém, toda ela estremeceu sentindo que alguem a chamava pelo seu nome de Helena.

Voltou-se com presteza, e deu de frente com um sujeito idoso que lhe pegou as mãos assumindo visiveis ares de familiaridade.

— São já duas vezes com esta que venho hoje a tua casa, e, como te não encontrava, tencionava [illegible] ir-me ao Club a procurar o nosso Jorge... sabes como ele é capaz de [illegible] esquecer que janto hoje comigo; ma[illegible]... olha lá, filha, tu vieste a pé?

Helena fez-se um tanto córada, mas tratou de disfarçar a sua perturbação respondendo logo [illegible] hesitar:

— Fui a [illegible] baroneza de Monchenot; como é perto, e além d'isso nunca tenho a carruagem promta, senão quando já não preciso d'ela, resolvi sair mesmo a pé.

E assim falando iam ambos entrando pelo pateo dentro; o sujeito edoso ainda hesitou um momento, como se refletisse por qual das ideias que tinha em mente se devia afinal decidir; por fim tomando o braço de Helena exclamou:

— Sabes que mais, filha? teu marido que venha, quando quizer; já agora, que te encontrei, não torno a sair.

Helena firmou-se afetuosamente no braço do pae, lançando-lhe um sorriso de meiguice, d'aqueles que bastam por si para indemnisarem de todas as angustias inherentes á paternidade, e dirigiram-se ambos para o interior da habitação.

De quantas pessoas Helena havia receiado encontrar n'aquele misterioso passeio, era sem duvida seu pae, por quem ela menos desejaria ser vista.

E' que o marquez de Chamarande, sendo aliás extraordinariamente bondoso, juntava a essa bondade inata uma rigidez de carater, cuja austeridade não havia forças humanas capazes de suplantar. Acessivel aos mais carinhosos sentimentos de ternura quando se tratava de socorrer infortunios, mas solenemente implacavel perante os mais leves vislumbres de uma falta qualquer, possuia ele uma d'essas naturezas, cujo molde antigo, leal e franco, mas inflexivel, tão dificil é já de encontrar pelos tempos que vão correndo.

Para o marquez de Chamarande, perder os direitos ao respeito e á consideração significava perdel-os ao amor e ao carinho.

Helena empurrou a porta de vidraças que dava entrada para um grande vestibulo, d'onde se avistavam os alegretes e o arvoredo do jardim. E logo uma creancinha de seis anos veiu ter com ela a correr, seguida em pequena distancia pelo irmãosito mais novo ainda, e tão novo que mal sabia suster os passos sem tropeçar.

— Mamã! mamã! bradou a menina arremessando-se pressurosa aos braços de Helena.

O pequenito, esse dependurava-se com quanta força podia no vestido da mãe diligenciado trepar por ele acima ao encontro d'aquelas caricias habituaes.

Helena baixou-se a acarinhar as duas creanças com ardente efusão de ternura, que tanto podia significar o entusiasmo do seu caráter maternal como os tormentos secretos que lhe devorassem o coração. Depois pegou em cada um d'eles por sua mão, e todos quatro se encaminharam para o salão nobre.

Passado um quarto de hora entrou o conde de Flize, que chegava do Club.

— Ah! venho mesmo desesperado, exclamou ele ao entrar. Imaginem que estavamos a falar nas corridas do mez passado; eu apostava com Bouzonvile em como *White-Foot* teria infalivelmente ganhado se fosse montado por Flattman; n'isto sae d'ali não sei quem a discutirnos a reforma eleitoral... maldita politica! tratei logo de fugir! está realmente impossivel aquele Club... não póde a gente conversar um bocado em coisas sérias!

— De modo se não fosse a reforma eleitoral, redarguiu o marquez de Chamarande, ainda a estas horas estariamos esperando por ti!

O conde foi pôr a bengala e o chapeu a um canto da sala, sentou-se n'uma poltrona, e empoleirou o pequenito em *cima dos joelhos.*

— Entretanto, continuou ele sempre afincado á mesma ideia, podem ter a certeza de que não continua aquilo assim; era o que me faltava! se haviam de vir ali dominar aqueles senhores estadistas improvisados a arquitetarem-me e a derrubarem-me governos na rasão de dez ministerios por dia?... eu os ensinarei! vou nem mais nem menos do que apresentar uma proposta para ser riscado de socio todo aquele, em quem recairem suspeitas de pertencer a semelhante camarilha.

— Ahi está o que se chama ser prudente, replicou-lhe o marquez de Chamarande sorrindo-se com doçura; mas olha lá... se os teus adversarios aproveitarem o ensejo para usar de represalias?

— Juro-lhe, senhor marquez, que os quatro ou cinco deputados, que lá temos no Club, são já mais que suficientes: dessem-nos outros tantos por cima, e ficariamos todos infécionados! nada... nada! é forçoso evitar que as portas do Palacio-Bourbon prevaleçam contra os estatutos do *steeple-chase.*

— O teu livro dourado!

— Livro dourado, que me consome todos os anos uma continha! A verdade, porém, é que admitindo mesmo de um lado e d'outro absoluta egualdade de circumstancias, como dizia o meu professor de matemática, ninguem será capaz de negar que ha mais proveito em contribuir para o aperfeiçoamento das raças cavalares do que em estragar e corromper os nossos honrados camponezes transformando-os em eleitores por um mero gracejo constitucional.

(*Continua.*)

cachimbo parecia-me uma maravilha, com a boquilha de cerdeira e a concha de espuma loira segura com um aro de prata. Não me cansava de o admirar, e de noite sonhava sempre com ele...

— O' senhor! aquele Bigeard, que vadio!—murmurava meu pae—sempre com o cachimbo na boca!... Trata mais de fumar do que do negocio!

Meu pae, sêco, magro e ativo, era o oposto a Bigeard. Labutando todo o dia na sua loja de drogaria, levava uma vida trabalhosa, acompanhado da sua irmã Honorina, que tinha ficado para tia, e de meu avô Pechoin, que, retirado do negocio, empregava os seus ocios em cultivar um pequeno jardim situado nas trazeiras da nossa casa. Eu era muito amimado pela tia Honorina e pelo avô, mas com meu pae era preciso andar direitinho. Comprehendia ele a educação dos filhos de uma maneira toda espartana e pregava-me uma sóva á menor culpa. Tinha um grande odio aos vadios, e Bigeard, com o seu eterno cachimbo e as suas interminaveis ociosidades, irritava-o particularmente. Quando através dos locaes da nossa loja ele dava com os olhos no visinho, espaparrado ao sol n'uma nuvem de fumo, encolhia os hombros, e rosnava entre dentes:

— Aquilo ainda ha de acabar mal!

*

E acabou mal, efetivamente!

Uma manhã, quando cheguei á janela, vi nas portas da loja fronteira colado um edital.

Bigeard tinha falido, e o edital anunciava a venda judicial das mercadorias e da mobilia do desventurado negociante de panos.

— Eu bem o tinha dito!—exclamava meu pae com uma certa satisfação—Ahi têem onde o tabaco, o café e todas essas vadiagens levam uma pessoa! Sirva-te isso de exemplo, Claudio! Bigeard está arruinado para sempre! está perdido! E' um falido!

E no modo como meu pae pronunciava esta palavra *falido*, via-se todo o desprezo, toda a indignação que o acto inspirava áquele corréto e rispido comerciante.

Quanto a mim, confesso, o que mais me preocupava n'essa aventura era o destino que havia de levar o belo cachimbo de Bigeard. Seria comprehendido na venda, ou conserval-o-ia o falido como premio de consolação?

Eu estava a arder por não poder assistir á venda do espolio; desgraçadamente realisava-se durante as horas da aula, e n'esse particular o avô Pechoin não admitia brincadeiras. Foi preciso resignar-me contra a má sorte, e, durante toda a lição, não me saía da cabeça o cachimbo de espuma e o feliz mariola, que o ia possuir. Essa distração valeu-me duzentos versos por parte do professor, o feroz Dordelu; e, ao copiar de Virgilio este verso do primeiro idilio:

Et jam summa procul villárum culmina fumant,

parecia-me ver o cachimbo de Bigeard a fumar no horisonte.

Esta mania durou mais de oito dias. Principiava a desvanecer-se, quando, uma manhã, voltando do colegio pela rua dos Judeus, lancei os olhos para a loja do ferro-velho Miroufle. A poeirenta desordem d'aquela loja do ferro-velho—as poltronas esgarçadas, os tecidos multicores, as faianças com flores, as aves empalhadas, as velhas pistolas de pederneira—divertiam-me e prendiam-me sempre a atenção.

D'esta vez, apenas lancei os olhos para a *vitrine*, tive uma comoção violenta. Por detraz dos vidros, entre um antigo mostrador de relogio e uma terrina de Strasburgo, tinha vis o, mimosamente deitado sobre um colchão de algodão em rama côr de rosa, o magnifico cachimbo de Bigeard.

Não havia a menor duvida, era o mesmo!... Reconhecia-o pelo aro de prata, pela boquilha de cerdeira, pela concha de espuma! Tinha sido comprehendido na venda, e o patife do Miroufle tinha-o comprado!...

Não pude ter mão em mim, e entrei audaciosamente na loja, onde estava Miroufle, com uma camisola de lã, um barrete de pele de coelho, polindo um par de tenazes ferrugentas.

— Quanto custa o cachimbo que está na exposição? perguntei eu.

Miroufle levantou a cabeça de fuinha, e fitou-me com os seus olhos pardos.

— E' muito caro, menino, respondeu ele desdenhosamente. Essas coisas não são para si.

— Mas, emfim, insisti eu vexado, se eu quizesse ajustar, que preço pedia?

— Doze francos, nem um centimo a menos, tornou Miroufle, indo pegar no cachimbo, que ele levantava no ar como um thuribulo. Olha-me bem para isto! Espuma verdadeira, com aro de prata... Não se faz outro egual. E então para fumar! E' um favo de mel!

Os meus olhos ficaram deslumbrados, o coração batia-me no peito!... Mas doze francos! Eu nem sequer tinha de meu doze soldos.

— Verei se me convém, respondi eu. Quando passar outra vez...

— Na semana dos nove dias, sim? disse ironicamente Miroufle, colocando o cachimbo no algodão em rama. Ora já viram?! Um fedelho que já pensa em fumar!... Já não ha creanças, palavra de honra!...

A mania tornou-se mais forte. Já se não tratava d'um sonho irrelisavel. O cachimbo estava ao meu alcance em casa do ferro-velho... Bastava-me dar doze francos a Miroufle, e era meu o cachimbo!... Mas onde havia eu de descortinar tanto dinheiro junto? Meu pae dava me todas as semanas cincoenta centimos. Ainda que fizesse prodigios de economia, para ajuntar os doze francos, eram precisos mezes e mezes; e no entretanto aparecia outro sujeito com a bolsa mais provida e levaria o cachimbo. Oh! fumar n'aquela bela espumar doirada! Ter no bolso o cachimbo, tiral-o com cuidado e mostral-o triumfantemente aos condiscipulos, que estalariam de inveja!... Que orgulhosa satisfação e que prestigio aos olhos de todo o colegio!... Mas os doze francos!...

Todas estas considerações passavam e repassavam na minha cabeça, na ocasião em que, de volta a casa, e instalado atraz da loja, eu traduzia penosamente uma versão latina. N'esse momento, o avô Pechoin levantou-se da cadeira. Tinha acabado a leitura da folha e preparava-se para ir jardinar, como de costume, durante uma ou duas horas, para abrir o apetite. Tirou os oculos do nariz, despiu o casaco e o colete, e ficou em mangas de camisa, para sachar mais á vontade, ao sol, que faiscava lá fóra. Pendurou o colete e o casaco nas costas da cadeira. Assim que saiu, aconteceu-me ir de encontro áquela cadeira, no momento em que procurava o dicionario. O colete caiu ao chão, e ouvi um som argentino, revelando a presença de dinheiro nas algibeiras.

Tremi todo, e, levantando o colete, tive a curiosidade de remexer nas algibeiras. Efetivamente, em uma d'elas havia duas peças de cinco francos e tres de vinte soldos. Treze francos! Um pouco mais do que a importancia precisa para comprar o cachimbo de Bigeard.

Isto deu-me um toque no coração. Peguei nas peças na palma da mão, e fiquei como magnetisado pela vista de tanto dinheiro. Uma sugestão diabolica infiltrava-se pouco a pouco no meu cerebro.

— E se eu ficasse com o dinheiro? Mas ele vinha a sabel-o!...

E como uma ideia má nunca vem só, seguiu-se esta reflexão mais perversa ainda:

— E' preciso que o avô cuide que perdeu o dinheiro. Por exemplo, se o bolso estivesse descosido, o dinheiro poderia sair, sem ele dar por isso.

E formulando estas hipotheses, veio-me a ideia scelerada de desempenhar o papel do acaso... Abri o meu canivete. O tecido era fino; com duas ou tres canivetadas rompi o fôrro, depois o bolso, e, levando a canalhice até ao fim, fiz passar o dinheiro pela fenda com o fim de me assegurar da possibilidade da hipothese, que devia explicar a desaparição do dinheiro. Depois do que, meti o dinheiro na minha algibeira e depuz delicadamente o colete nas costas da cadeira.

Todavia não estava senhor de mim, e esperava com anciedade o momento em que o avô percebesse que tinha o bolso do colete vasio. Ao meio dia, o pobre velho entrou fatigado e vestiu-se. Ao abotoar o colete, percebeu que estava mais leve, porque meteu logo os dedos nos bolsos...

Eu estava n'uma agonia, e, no entretanto, lançando os olhos de esguelha, vi o pasmo do meu avô, quando viu que os seus dedos passavam através do colete.

— Oh! com mil diabos!—exclamou ele... Depois, vendo a tia que se aproximava para pôr a mesa, continuou:

— Ora ahi está como tu arranjas as coisas! O meu colete estava descosido, e eu perdi o dinheiro... Em vez de estares a cabecear com as contas na mão, fazias melhor se remendasses os meus farrapos.

Foi a pobre tia Honorina quem recebeu como uma chibatada o mau humor do avô, e confesso que isso me pesava na consciencia, porque eu estimava muito a minha tia... O mirifico cachimbo de Bigeard, porém, atuava sobre mim a distancia, como um magnete, e a ideia de o possuir empedernia-me o coração.

*

A's 4 horas, quando saí da aula, tomei posse do cachimbo e o dinheiro do avô lá se foi nas mãos aduncas de Miroufle. Tive uma expansão de alegria, que me abafou os gritos da consciencia. Munido de tabaco e de fosforos, tomei o caminho das charnecas que se estendiam incultas e desertas entre as vinhas e o bosque do Juré.

Ao andar, de tempos a tempos, parava para sentir no bolso o meu cachimbo. Era com delicia que percorria com os dedos aquela superficie polida da espuma...

Pertencia-me, e podia finalmente fumar, mas fumar a valer!

Chegado ao fundo da charneca, sentei-me á borda da floresta e comecei a encher lentamente o cachimbo.

Estava á sombra, deitado sobre a relva; diante de mim as vinhas desciam até *ao fundo do vale cheio de sol, onde* as aguas do rio scintilavam entre os salgueiros. As cotovias esvoaçavam sobre a minha cabeça n'um céu coberto de nuvens pardacentas. Sentia-me plenamente feliz, e não tinha remorsos...

Bem atacado o cachimbo, acendi com solenidade um fosforo, e terei voluptuosamente as primeiras fumaças. Que belo tabaco! que lindas fumaças brancas eu lançava soberbamente para as arvores! Tinha razão Miroufle quando dizia que era doce como um favo de mel!...

Ao cabo de um quarto de hora, o meu entusiasmo caiu pouco a pouco. Pareceu-me que a cabeça me pesava. Sentia um mal-estar extraordinario, e tinha o coração ligeiramente perturbado. Depuz o cachimbo de lado, esperando que aquilo passasse, mas *aquilo* não passou. Andava-me a cabeça á roda, os olhos fechavam-se-me, e umas nauseas repugnantes vinham me aos labios e revoltavam-me o estomago... Tive apenas o tempo de me debruçar á borda do talude... Estava ridiculamente doente, e vomitei com esforços, que me abalavam as entranhas...

Principiava assim o castigo.

Apenas a crise passou, guardei o cachimbo, e, ainda cambaleando, tomei o caminho de minha casa.

Não estava encantador e convenci-me de que o mel do cachimbo de Bigeard era singularmente amargo.

Entrei em casa, palido e com o semblante transtornado. Tive o desgosto de encontrar logo a familia; meu avô lia, meu pae filtrava uma droga e a tia Honorina tratava de coser o famoso colete...

— Jesus, Pae do céu! Como estás palido.—exclamou ela ao ver-me entrar—Tu estás doente?

— Não, minha tia.

— Chega-te cá—disse meu pae, que olhava para mim com severidade.—Tu cheiras a tabaco!

Em seguida, segurando-me o braço:

— Maroto, tu fumaste!

Sacudiu-me tão violentamente, que o cachimbo surgiu na minha algibeira. Ele deitou-lhe a mão, reconheceu-o, e, sem me deixar, continuou:

— E' o cachimbo do Bigeard... O cachimbo d'um falido! — exclamava ele indignado — Mariola, tu cometeste a audacia de fumar? Onde encontraste o cachimbo? Quem te deu o dinheiro?... Responde, miseravel!

Sacudia-me como uma arvore; eu sentia-me mais morto do que vivo, e previa já uma catastrofe. Descoberto o crime, seguir-se-ia o terrivel castigo. Volvi olhos piedosos para a tia e para o avô, que tambem estavam aterrados.

— Socega, Pechoin, diz de repente o avô; fui eu quem lhe deu o dinheiro. Tive a fraqueza de lh'o dar, e sou eu o primeiro culpado.

— Fez muito mal, muitissimo mal em favorecer o vicio d'um tratante, que ha-de ter mau fim, replicou meu pae, lançando ao chão o cachimbo e partindo-o em mil pedaços. Toma, ahi tens a sorte que ele merece, o cachimbo do falido!... e livra-te que eu te faça o mesmo. Sóbe já para o teu quarto, maroto, e deita-te sem ceia.

*

Não quiz ouvir duas vezes. Feliz por o castigo ser tão leve, galguei as escadas direito ao meu quarto, que era na aguafurtada.

Um quarto de hora depois abriu se a porta e meu avô apareceu.

— Claudio, começou ele gravemente, eu não sou tolo. Sei perfeitamente como foi descosido o meu colete, e como o dinheiro desapareceu... Mas tive pena de ti, porque teu pae estava capaz de te matar... Isto ficará entre tua tia, entre ti e entre mim. Agora, meu filho, confessa que cometeste uma vilania, e se alguma vez tentares fazer outra, lembra-te bem que, para te salvar, tive que mentir, eu, já tão velho! e que me fiz cumplice do teu roubo!

Ah! que bom homem e que belo coração! Abracei-me a ele a chorar, e na violencia dos meus soluços e nos meus beijos humedecidos de lagrimas, ele comprehendeu que a lição tinha sido aproveitada e que eu nunca mais faria o que tinha feito.

ANDRÉ THEURIET.

O FIDALGUINHO DA PINHOA

Que bela moça que era a ama do prior da freguezia! Uma carne tão fresca, tão sadia, que até dava vontade de a trincar! Depois, que braços! Gordinhos, rosados, bem feitos! Era mesmo uma tentação o demonio da rapariga! Cabelos pretos, olhos de azeviche; uma dentuça que parecia do mais puro marfim. Muito desembaraçada, tinha resposta pronta ás graçolas dos rapazes do sitio, e nem um se podia gabar de a ter tido por conversada. Por estas e por outras diziam as más linguas que o sr. prior...

Passemos adiante.

Na verdade, o prior não era um mimo! Mas diziam que a ama gostava muito do brilho do oiro, e que este, por conseguinte, tapava o nariz com rapé, o cebo e a baba do sr. prior.

O caso é que se contava muita historieta, não sei se inventadas pelo despeito dos rapazes, se pela inveja das raparigas, mas que não deixavam por isso de ter seus visos de verdade.

O padre não era homem para graças; corpulento e reforçado, podia medir as forças com o rapaz mais forte do sitio. Com receio da sua pesada mão, as más linguas não comentavam as relações da ama com o prior senão muito devagarinho, ao canto da lareira, depois de acabado o trabalho. E mesmo assim...

*

Por uma manhã de abril chegaram os marquezes ao seu velho palacio provinciano. Aristocratas de *vieile roche*, recheiados de preconceitos e tradições, todos os anos, pelo começo da primavera, se retiravam á sua propriedade da Pinhôa, onde d'esta vez os tinha acompanhado seu filho Alberto, rapaz esbelto e bem parecido, por quem se dizia morria de amores uma bela lisboeta. O fidalguinho da Pinhôa, como lhe chamavam os camponios, o primeiro dia que foi ouvir missa á freguezia, habituado ás mulheres da côrte, plantas de estufa, impressionou-se com o aspeto alpestre e viçoso da ama do padre. N'aquele domingo não ouviu missa com devoção. O demonio da carne tentava-o!

*

Uma bela espingarda, era a do prior! Mais não fosse do que pela epoca antiga que representava! Tinha morto boa meia duzia de francezes, mas depois d'estas proezas retirou-se para passar a sua velhice tranquila. Costumada ao seu viver retirado no fundo d'uma arca, estranhava hoje ver-se limpa e brilhante á luz do sol d'uma bela manhã de maio. Que sensações volutuosas ela não sentiu quando o padre lhe enfiou a vareta pelo cano abaixo, despertando gosos ha muito não sentidos! A polvora e a bala produziam-lhe nevroses decrepitas! E quando lhe pozeram o fulminante, que volupia! Já imaginava ver saindo pelo seu cano velho e cançado o antigo fulgor da sua mocidade brejeira, em que surprehendia com a morte idylios de galinholas, amores de lebres e bebedeiras de francezes!

O padre tinha-a limpo e carregado com todo o amor e cuidado. Parecia um mimo, a velhota!

A ama estranhara aquela limpeza inopinada e dissera ao prior:

—Que le vae fazer, oh só padre? Depois de velho é que vae á caça?

— Vou ao coelho moça.

E continuava na mesma tarefa, olhando arrevesadamente de vez em quando para o lado em que a rapariga labutava nos seus afazeres domesticos. Depois, de repente, como que atacado d'uma vertigem, dirige-se á moçoila e tendo-a segura pelos cabelos e ameaçando-a de morte se gritasse:

—Ingrata. Para que me enganas?

E n'isto dava-lhe puxões aos cabelos, ao tempo que com a outra mão segurava a espingarda.

—Eu bem sei os teus amores com o fidalgo da Pinhôa, mas ele m'o pagará. Diz-me onde ele te encontra esta noite, senão...

E n'isto apontava a espingarda ao alentado peito da linda rapariga.

Ela, que ao principio protestára a sua inocencia, mas que no fim de contas gostava mais da sua pele, que do amante, confessou-lhe que na azinhaga, ao pé da sebe dos carvalhos, se encontraria essa noite, ás 9 horas, com o Albertinho da Pinhoa.

—Se prevines o rapaz, vão-te os miolos fóra, rugiu o padre.

*

N'esta noite, antes da hora do *rendez-vous*, caminhava apressada na direção da Pinhôa a ama do padre. Queria ver se ainda salvava o amante. O prior, adivinhando-lhe os intentos, embargou-lhe o passo e obrigou-a a entrar na sebe dos carvalhos.

Ouviu-se ao longe um assobio alegre, que se ia fortalecendo a pouco e pouco, e de repente aparece á entrada da sebe o esbelto fidalguinho.

—Foge... gritou-lhe a rapariga.

N'isto, um tiro ribombou de serra em serra, fazendo fugir espavoridos os passaritos, que se acoitavam nos carvalhos.

*

Na manhã do dia seguinte, os camponios, que iam para o trabalho, encontraram, banhado em sangue, o cadaver do belo fidalguinho da Pinhôa.

L. DE C.

CARTA

do alferes reformado, Manuel dos Problemas, ao seu cloega, Manuel da Guitarra.

Vilares, 21 de novembro de 1886.

Meu amigo Manuel. A carta que de Lisboa te escreveu o José dos Papagaios, veio descubrir campo. Por ela tive conhecimento de que ainda vives; o que para mim foi de mais satisfação, do que, se apanhado tivesse o premio grande da loteria hespanhola. Não tendo sabido de ti mais, depois que nos reformamos, estava persuadido de que terias sido chamado, ha muitos tempos, a dar contas ao Altissimo; e não poucas vezes te tenho metido nas minhas orações, rezando-te por alma. Quando fores, lá encontrarás os meus Padre Nossos, que, longe de fazerem mal, antes farão bem, porque candeia que vai adiante, parece que alumia duas vezes; ao menos é isto o que diz cá a minha do 4.º andar, que já orça pelos seus cincoenta janeiros; é arrenegada como mil diabos coxos, e ás vezes tem des cahidas e exigencias bem disparatadas, e sem razão de ser, segundo dizem os seus comensaes.

Quanto folgo, meu Manuel, em saber que ainda vives! Hoje beberei á tua saude mais um trago. Deves estar velhote, ajuizando eu, pelo que me vai *cá por caza.* A mim já me custa... e custa muito a arrastar o chinelo: tu és mais velho do que eu, creio que muito mais te custará a ti. Ainda assim... lembro-me com saudade das campanhas em que entrámos, escalando redútos e castelos. Lembro-me d'aqueles belos tempos, em que para nós não havia obstaculos; tempos, em que ao som do roufenho clarim, e montados nas nossas egoas inglezes, ou bons cavalos hespanhoes (hoje os bons cavalos foram substituidos por cabritos) marchavamos direitos como fuzos para o campo da honra, em procura da vitória. Que tempos aqueles! Lembrar-te-has tu das nossas marchas e contra-marchas; umas vezes debaixo de um sol tropical que sobre nós dardejava, outras, vergando ao pezo do temporal desfeito, debaixo de medonhas trovoadas, entrando-nos a agua pelo pescoço e saindo pelos canos das botas? E quantas vezes sem comermos nem bebermos, indo acampar nas campinas descarnadas, ou nos vales nos olivaes, nos vinhedos, servindo-nos de cama a terra, a relva, o restolho, e de cabeceira uma pedra ou a barretina, e quasi sempre com os cavalos á mão! Que incomodos e que privações passamos! Lembrar-te-has tu d'aquela celebre e celebrada noite, em que nós, e infanteria 16, marchámos quando parecia ter-se *rompido o Ceo, despejando* agua a potes, da Golegã para Tomar, onde démos entrada ás 11 horas do dia imediato, aguentando em toda a marcha uma chuva torrencial? Em que miseravel estado ia infanteria 16, quando abriu aos lados, para a cavalaria passar para a frente, n'uma azinhaga, em que o lodo chegava aos joelhos d'aquela pobre gente, e os nossos cavalos se atolavam até aos corvilhões, não tendo outro caminho a trilhar senão aquele e na distancia de mais de um quarto de legoa! Lembrar-te-has de que em Tomar, indo nós ambos, depois do tráto dos cavalos, por 2 horas da tarde, a caza do patrão que nos deram, (um boticario) o bom do homem já não nos quiz deixar sair sem que jantassemos, mandando logo pôr o jantar na meza, pois que, contando com aqua[illegible]elados, promto estava, e que quando da terrina se iam tirando as primeiras conchas de canja para os pratos, ouvimos o maldito clarim a tocar a montar a cavalo, não nos dando tempo, ao menos, para provarmos a canja, que tão bem cheirava! Saímos pela porta fóra, sem até nos despedir-mos do bom homem; fomos direitos ás cavalariças e já ali encontrámos o comandante a cavalo e a dizer—sae para a rua; monta a cavalo.

Que atrapalhação!... O comandante tinha dado ordem para revista de arreios ás 4 horas da tarde; mas ás 2 recebeu ordem para marcharmos imediatamente, quando os selins estavam todos desarmados para limpeza; que atrapalhação, santo Deus! Mas, emfim, aqueles soldados eram soldados experimentados, tudo se arranjou n'um pronto. Não houve tempo de se imalarem os capotes; atiraram-se para cima [illegible]upas dos cavalos, e n'um rufo [illegible] nos a cava[illegible] (a canja lá tinha ficado sem ao menos lhe tocarmos); saimos de Tomar a trote largo; diziam eles «que iamos a *agarrar* o Joaquim Bento, que com caçadores n.º 1 se ia esgueirando para o Porto.» Com que entusiasmo nós iamos! Até já nos não lembrava a canja, nem a galinha, nem o bom presunto, que decerto lhe deveria fazer companhia; só levavamos em mente *agarrar* o Joaquim Bento. Mas quando a pouca distancia avistámos a cauda do batalhão, que já ia estropiado, e sem força moral; quando o levavamos quasi filado, e só voando poderia fugir-nos, deram-nos ordem de tomar por uma vereda á esquerda, deixando-o a ele seguir pela estrada, á direita, dando-lhe tempo para atravessar até os Alpes, quanto mais o Zezere, de que depois o fizeram barão. Bons pequenos os nossos chefes! Ele lá foi seguindo, muito a salvo, seu caminho, e nós fomos para Seiras, assim chamavam áquele logarejo, que apenas se compunha de dois barracões e uma taverninha. Ali não havia mais casas, nem cavalariças; não havia que comer nem beber; apiámos, metemos os sacos da cevada nos focinhos dos cavalos e ficámos com eles á mão, e a agua continuava a cair sobre nós a cantaros. Infanteria 16 foi acampar n'um olival na nossa frente, e em que estado se achava aquela pobre gente! Anoiteceu. Os infantes atiraram-se ás oliveiras, como lobos a cordeiros, e d'ali a pouco eram, no olival, mais as fogueirinhas do que as oliveiras. Era um bonito panorama aquele! Nós viamos os soldados do 16, sargentos e oficiaes, de roda das fogueiras; mas estavamos a pé firme com os cavalos á mão, tremendo de frio como varas verdes e tocando castanholas com os dentes: irra!... Seria meia noite, eu já me não podia suster em pé; entreguei o meu cavalo a um camarada, entrei n'um dos barracões, que nem porta nem cancela tinha, puxei o lume a um cigarro, e á luz d'ele vi enrodilhados no chão, e nos capotes, tres vultos: não me importou saber se eram generaes ou coroneis, se clarins ou ferradores, e encaixei-me entre eles, tambem enrodilhado no capote, que estava mais molhado do que a agua. Os d'eles estavam no mesmo estado: eram umas sopas. Pouco depois conheci com quem estava; era o tenente-coronel Luiz Maldonado, o tenente Diogo Leite, e o alferes Soares Serrão, quatro esponjas, qual d'elas mais ensopada. Ainda assim passei pelo sono, tanto ele era!

Rompeu a manhã; desenrodilhámonos: lá nos pozemos em pé, conforme podemos, e fomos montar a cavalo. Já na nossa frente ia infanteria 16, e lá fomos a *agarrar* o Joaquim Bento, que áquelas horas poderia estar a 6 ou 8 leguas de distancia de nós. Que rolhas, Manuel, os nossos chefes! Quando o levavamos quasi filado, mandaram-nos retroceder, e quando já d'ele não tinhamos novas nem mandados, *iamos a agarral-o!...* Sucia de mil diabos, que assim andavam caçoando com a tropa! Aquilo tudo era marosca, jogo, e valores entendidos entre eles; e nós a pensarmos que aquilo era sério. Qual sério, nem qual diabo; séria e muito séria era a miseria, em que tanto nós como infanteria 16 iamos. E a canja, a galinha e o presunto lá tinha ficado em casa do patrão, que devia ser um bom homem. Deus lhe tenha perdoado os seus pecados, se é que ele os tinha.

Depois de tantos e tão grandes trabalhos, de um sem numero de vezes termos afrontado a morte, felizmente ainda por cá estamos, porque as balas, as espadas e as lanças do inimigo nos respeitaram sempre, e não nos tocaram, nem de raspão, emquanto que a outros, menos felizes, elas prostraram por terra a nossos pés, como aconteceu áqueles cinco pobres diabos, no alto da Ajuda, na noite da emboscada de 19 de maio; aquela lembra e outra cá não venha! E estamos *felizes*, dirás tu. Vamos lá; ao menos contamos da festa; tu alferes reformado governador do castelo de Valdujo, e eu cazerneiro dos quarteis dos Vilares. Manuel, quem nasceu para 20, não pode chegar a 200. Felizmente não temos de que ter remorsos, e antes pequeno sem um remorso, do que gigante vergando ao pezo d'eles.

Adeus Manuel, acredita na sinceridade do teu camarada e amigo

Manuel dos Problemas,
alferes reformado cazerneiro dos quarteis dos Vilares.

DERROCADA

A Firmino de Vilhena

Eu quiz quebrar a lyra...
Quando a sorte me disse tristemente,
Olha a tua ilusão, lá vae tremente
Na aragem que suspira.

... Quedei-me assim tristonho...
Olhei e vi o vacuo e eu oscilante,
Lancei cansado aquela bôca hiante,
O meu provir risonho.

Fiquei então sombrio...
Olhei e vi o céu, manto de tule,
Refletir o seu purissimo azul,
No cristalino rio.

Mas eu descri de tudo...
E vi murchar as petalas da esp'rança,
Indo envolver-se além na brisa mansa...
E eu quedei-me mudo.

Senti-me triste e só...
Sem vida, sem amor, esp'rança incerta,
Minha pobre ilusão vive, desperta,
Enlaça-me em teu nó.

E eu quiz quebrar a lyra,
Ao vêr me sem esp'rança—a minha crença
Alar-se assim á aragem e que incensa,
A França que suspira.

Porto—1886.
Reinaldo Rangel de Quadros.

Bibliografia

—«*Estação*, jornal ilustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.º 16 de novembro, cujo sumario é o seguinte: Cronica da moda. *Gravuras:* Paletó comprido, para menina de 10 a 12 anos. Manto formando murça. Costume com arregaço em avental. Touca caseira. Guarnição de renda, para colarinho. Capuz bulgaro. Adereço de peles (regalo e gola). Fórmas de feltro, para chapeus. Fichu arregaçado, atado. Manto com murça, para creança de 2 a 4 anos: Chapéu de veludo guarnecido de plumas. Capota de aneis de veludo. Chapéu de feltro. Costume com corpo de aba plisse. Toilete com tunica sobretudo. Costume com jaqueta. Costume paea menino. Vestidinho paletó, para creança. Manto-blusa, para creança. Paletó fechado em viez, para menina. Paletó com duplo reverso. Paletó com capuz. Costume com corpo jaqueta. Paletó comprido com guarnição plisse. Manto para de noute. Manto com mangas algemas. Costume para menina. Paletó curto. Costume com arregaço dobrado. Guarnições. Rendas. Tapetes. Cercaduras. Bordados. Objétos de fantasia, etc., etc.—Um figurino colorido, representando: Vestido princeza. Vestidinho-blusa, para creança. Toilette de visitas.

Suplemento: Moldes, diferentes modelos de bordado e iniciaes, etc., etc.»

—«*Historia de Vitor Hugo*. Publicação importante.—O sr. Francisco Nunes Colares, proprietario da Empreza Noites Romanticas, estabelecido em Lisboa na rua da Atalaya 18, contratou com a importante casa editorora V. Acha de Barcelona, a propriedade da obra *Historia de Vitor Hugo* por Christóbal Litrán, bem como todas as gravuras que ilustram a mesma obra, executadas por J. Carrasco, M. Pelicer e E. Canibell. A edição portugueza vai ser feita com luxo, e breve sairão á luz da publicidade os prospétos ilustrados d'esta tão util quanto importante publicação, que conta numerosas tiragens nos idiomas hespanhol e francez.

—«*O Agicultor Portuguez*, jornal de agricultura, veterinaria, sciencias e artes correlativas, e orgão das comissões: Central Anti-filoverica do Norte e da Cultura de Tabaco no Douro. Recebemos o volume 9—n.º 16, correspondente a 15 de novembro, cujo sumario é o seguinte:

Revista agricola, por Rodrigues de Moraes; O adubo das oliveiras, por A. F.; A questão dos cereaes, por Antonio A. P. Coutinho; Variedades, por A. F.; Sobre o contagio da febre typhoide, por Alves Tórgo; O acné contagioso do cavalo, por J. R.; Sobre a virulencia dos liquidos normaes do organismo em caso de mormo, por Alves Tórgo; Ecos veterinarios, por Alves Tórgo.

Assigna se na Livraria Ernesto Chardron—Lugan & Genelioux (sucessores).—Porto.»

RÉCLAME

DESDE o dia 1.º de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «**Union des Fabricants** pour la répression de la contrefaçon» (*União dos Fabriacntes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que mesa da pharmacia do Doutor **Dehaut** de Paris.

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 19

Despachos dos presidentes e vogaes dos tribunaes administrativos nos diferentes distritos do continente do reino e ilhas adjacentes.

Despachos dos agentes privativos do ministerio publico junto dos mesmos tribunaes.

Todos tomarão posse dos seus logares no praso de 10 dias.

Despachos já conhecidos.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Relação dos portuguezes falecidos na área do consulado do Rio Grande do Sul, referida ao mez de março de 1886.

Ragulamento para os serviços hidraulicos.

Decreto mandando proceder ao levantamento de uma carta agricola, e á elaboração da estatistica agricola geral.

Diario de 20

Concessão de diferentes mercês honorificas.

Boletim de sanidade maritima declarando inficionados do *colera-morbus*, desde o dia 1 do corrente, o porto da cidade do Rosario e suspeitos todos os demais portos do Rio da Prata.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Diario de 22

Sanção da lei, estabelecendo que os pares temporarios pódem ser eleitos deputados.

Varios despachos já conhecidos.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Telegrafia

Paris, 18.—A camara dos deputados levantou a sessão sem incidente.

O conselho de ministros deve reunir-se ámanhã, de manhã, para conferenciar á tarde com a comissão do orçamento.

A sessão da camara só começará ámanhã, ás 3 horas da tarde.

Sofia, 18.—O general Kaulbars dirigiu uma nota ao governo bulgaro, participando-lhe que, em vista da atitude hostil da regencia, se retira da Bulgaria com todo o seu pessoal.

Buda-Pest, 18.—O conde de Kalnoky repetiu hoje perante a comissão de negocios estrangeiros da delegação austriaca, as declarações já conhecidas. Afirmou que a boa harmonia com a Russia nada prejudica a amisade austro-alemã, e fez notar que a primeira violação no tratado de Berlim proveio dos bulgaros. Disse estar persuadido de que os bulgaros são capazes de constituir um Estado autonomo; mas que em todo o caso convem não ser demasiado otimista. Reconheceu que a Russia gosa nos Balkans de uma situação previlegiada, porquanto os colonos russos são ali mais numerosos do que os austro-hungaros. Poz em relevo a importancia que tem para a Austria-Hungria a manutenção das relações amigaveis com a Russia, e acrescentou que as potencias estudam sobre a nomeação de um principe para a Bulgaria.

New-York, 19.—Faleceu hontem o sr. Artur, que foi vice-presidente da Republica dos Estados-Unidos. Será enterrado ámanhã.

Uma proclamação do presidente da Republica, sr. Cleveland, ordena que lhe sejam prestadas todas as honras militares, e que no dia do enterro se suspendam os negocios publicos.

Londres, 19.—Os circulos diplomaticos discutem a oportunidade de celebrar-se uma conferencia internacional para compôr a questão do Oriente.

Madrid, 18.—O presidente do conselho, sr. Sagasta, declarou hoje, na camara dos deputados, que o governo está resolvido a realisar integralmente o seu programa; enumerou os diferentes projetos que os ministros hão de apresentar á camara, e, falando da fazenda publica, disse que o orçamento será apresentado juntamente com as leis suplementares.

Paris, 18.—Hoje, apresentou-se uma mulher á entrada da camara, perguntando pelo deputado sr. Daguerre, e em seguida disparou para o ar quatro tiros de rewolver. Sendo logo presa declarou que o seu fim era atrahir a atenção sobre si, porque tinha um processo pendente ha seis anos; que atirou sobre a casa onde mora a justiça, para a fazer sair.

E' uma operaria que faz rendas.

Sessão da camara dos deputados:

O sr. Sadi Carnot, ministro da fazenda, mantem integralmente o seu projeto de orçamento, e rejeita o adiamento da votação sobre o artigo 4.º, que implica a supressão do orçamento extraordinario e a consolidação das obrigações a curto praso.

A camara não parece disposta favoravelmente.

Berlim, 18.—Diz o *Boersen Courier* que o embaixador da Russia, em Viena, pediu explicações ao conde de Kalnoky a respeito do seu discurso na delegação hungara, dizendo-lhe que se retiraria de Viena, se não obtivesse uma satisfação.

Paris, 18.—A camara dos deputados aprovou por 342 votos contra 164 a proposta do sr, Mailfeu, para o orçamento voltar á respetiva comissão, afim de se estabeler o equilibrio sem emprestimo nos impostos novos.

Suspendeu-se a sessão.

A comissão do orçamento está agora deliberando.

O jornal *L'Univers* publica um despacho de Roma, anunciando que monsenhor Matera, antigo delegado apostolico em Buenos-Ayres, foi enviado á Colombia, para substituir ali monsenhor Agnozi, que é encarregado da missão extraordinaria de visitar toda a America do sul, e fazer um relatorio sobre a situação do catolicismo nos diversos Estados da mesma America,

Monsenhor Agliardi parte para as Indias, em missão temporaria, para assegurar a execução das concordias com Portugal e voltará depois a pôr-se á disposição do Vaticano, para trabalhar nas futuras combinações ainda não assentes no todo.

Montevideu, 18.—Deu a sua demissão o presidente da Republica do Uruguay, general Santos.

Paris, 19—O sr. Rouvier, declarou hoje na camara dos deputados que a comissão do orçamento chegara a um acordo com o governo ácerca do programa, conforme os intuitos da maioria da camara, e que o governo consente em modificar o art. 4.º renunciando á consolidação das obrigações a curto praso.

A discussão do art. 5.º foi adiada, afim de deixar tempo ao governo para procurar novas economias.

Por um certo patriotismo, a camara sacrificará igualmente as suas ideias pessoaes, para evitar os inconvenientes dos duodecimos provisorios. (Aplausos)

A camara aprovou em seguida o art. 4.º modificado.

Montevideu, 19.—O general Tajes foi eleito presidente da Republica do Uruguay pela assembleia geral das duas camaras.

Londres 19.—Rebentou um grande incendio nos aposentos particulares do palacio real de Hampton-Court. Os estragos são avaliados em milhares de libras.

Um telegrama de Viena para o jornal *Nation*, que se publica em Dublin, menciona o boato de haver uma aliança entre a Gran-Bretenha, Austria, Italia e Alemanha contra a Russia, e tambem contra a França e a Turquia, se estas duas potencias apoiassem a Russia, mas que a Alemanha não interviria se a Russia não achasse nenhum aliado.

Madrid, 20.—A *Gaceta* publica um decreto sobre a conversão das dividas de Cuba, unificando as em titulos de 6 por cento, com amortisação em 50 anos.

S. Petersburgo, 19.—O coronel Locharof, agente russo em Sofia, foi hoje recebido pelo tzar.

Chegou a Odessa um oficial do vapor de guerra *Mercurio* o qual é portador de relatorios especiaes. Acompanham-no tres oficiaes e dois funcionarios bulgaros, que estavam condemnados á morte, e que se refugiaram a bordo do navio russo.

Londres, 20.—Em contrario do boato que dizia ter lord Iddesleigh respondido negativamente á pergunta do conselheiro Staal, embaixador da Russia, sobre se a Inglaterra apoiará a candidatura do principe Mingrélia, a resposta de lord Iddesleigh foi que a Inglaterra de acordo com as potencias guardando completo respeito pelas liberdades da Bulgaria, aguarda declaração da parte dos proprios bulgaros com respeito a essa condidatura.

Paris, 20.—O sr. Freycinet anunciou esta manhã ao conselho de gabinete que o governo francez, a pedido da Russia, incumbiu-se da proteção dos subditos russos na Bulgaria.

Bruxelas, 20.—Houve hontem á noite graves desordens em Gand promovidas pelos grévistas. Ficaram feridos dezeseis agentes de policia,

Sofia, 20.=A maioria dos representantes das potencias foram despedir-se do general Koulbars no momento da sua partida.

Varna, 20.=Hoje ás 4 horas da tarde foi arreado o pavilhão do consulado da Russia, e ás 5 embarcou o consul russo com a sua familia para bordo d'um couraçado da sua nação. Defronte do consulado reuniu-se imensa multidão, que sempre com o maior socego acompanhou o consul até ao caes.

Paris, 21.=A rainha Isabel, o rei D. Francisco de Assis, a infanta D. Paz e seu marido o principe Luiz Fernandes da Baviera devem partir esta tarde para Madrid.

Um despacho de Londres para o *Matin* considera que a retirada do general Kaulbars da Bulgaria torna a situação mais ameaçadora que nunca.

Rio de Janeiro, 19.=Partiu hoje do Rio de Janeiro diretamente para a Europa o paquete inglez *Aconcagua*, da Companhia do Pacifico.

Rio de Janeiro, 20.=Partiu hoje do Rio de Janeiro para a Europa o paquete francez *Orenoque*, da Companhia Mossageries Maritimes.

Constantinopla, 21.=Assevera-se que a França e a Russia declararam á Sublime Porta que não reconheceriam nenhum acordo seu diréto com a Inglaterra sobre a questão do Egito, visto ser questão internacional.

S. Petersburgo, 21.=Chegou hoje a esta corte o principe Nicolau Mingrelia, vindo do Caucaso,

Londres, 21.=Principia o comicio na praça Trafalgar, onde já se aglomera imensa multidão.

Chegaram diversos grupos de democratas socialistas. Trazem á frente bandeiras vermelhas com a inscrição «Pão, Trabalho» e bandas de musica tocando a Marselheza.

Começam a falar os oradores. A multidão grita, mas até agora não ha a minima desordem.

Londres, 21.=Depois dos discursos proferidos na praça Trafalgar cada ramo da «Federação Democratica Socialista» regressou ao seu respétivo distrito. O comicio efétuou-se relativamente com ordem; a policia não teve que intervir, salvo para fazer dispersar alguns grupos depois de concluido o comicio.

Londres, 22.=Uma deputação do comicio foi hontem á rua Arlington para falar ao marquez de Salisbury, que tinha avisado o presidente da «Federação Democratica Socialista» de que ficaria em casa para a receber; mas não encontrando o primeiro ministro, voltou para a praça Trafalgar dar conta da sua missão. O comicio aprovou a segunda resolução, condenando o descuido do marquez de Salisbury.

O governo para manter a ordem no comicio, empregou 4:600 homens de policia e tropa.

Constantinopla, 22.=O general Kaulbars deve chegar aqui ámanhã.

Filipopolis, 21.=O gerente do consulado russo preveniu as autoridades romeliotas de que mandava arriar o seu pavilhão e se retirava da Romelia.

Buenos-Aires, 20.—Houve hontem n'esta cidade, 21 casos de colera e 8 obitos.

Bahia, 20.=Chegou hoje a este porto vindo de Lisboa, o paquete alemão *Berlim*.

S. Vicente, 21.=Segue hoje d'este porto com destino a Lisboa o paquete *Trent*, da Companhia da Mala Real Ingleza.

S. Tomé, 21.=Chegou hoje, vindo de Lisboa, com escala por diferentes portos, o paquete *Angola*, da Companhia Nacional de Navegação.

Paris, 19, (Rétificação).=O sr. Rouvier, declarou hoje á camara dos deputados que a comissão do orçamento chegara a um acordo com o governo ácerca do programa, conforme aos intuitos da maioria da camara; o governo consente em modificar o art. 4.° renunciando á consolidação das obrigações a curto praso.

A discussão do art. 5.° foi adiada, afim de se deixar tempo ao governo para procurar novas economias.

Por fim o governo prometeu apresentar-se no proximo ano mais economico; certo do patriotismo da camara sacrificará igualmente as suas ideias pessoaes, para evitar os inconvenientes dos duodecimos provisorios. (Aplausos). A camara aprovou em seguida o art. 4.° modificado.

Madrid, 22.=A rainha regente, D. *Cristina, recebeu hoje em audiencia solemne* o conde de Casal Ribeirp, que lhe apresentou as suas credenciaes de ministro de Portugal, junto á côrte hespanhola, trocando-se entre ambos aféctuosos discursos.

O novo ministro portuguez reiterou a afirmação das simpatias e afétos que unem as duas coroas de Hespanha e Portugal, bem como da constancia nos paralelismos historicos em que mantêm a sua boa politica conforme os exige a mancomunação de seus interesses.

A rainha regente respondeu que Portugal mantem com Hespanha a excelente politica tradicional, que corresponde ás aspirações comuns, á simpatia reciproca e á identidade de interesses das duas nações, conservando cada qual a sua respétiva independencia.

Londres, 22.=Consta ao *Morning Post* que a Russia, antes de negociar a questão bulgara, quer que as potencias atuem para obter a demissão dos regentes e a dissolução da sobranjé.

Bucarest, 22.—Varios oficiaes bulgaros demissionarios, nomeadamente os srs. Bunderef, Guiref e Duntzic, fautores da conspiração contra o principe Alexandre de Batenberg, e ao presente residindo na Romania, avisaram o governo da regencia de que, se não se demitir quanto antes, organisação em breve uma sublevação na Bulgaria.

Constantinopla, 22.=Chegou hoje a esta cidade o general Kaulbars, acompanhado do consul russo de Filipopolis.

Bruxelas, 22.=Estão tomadas grandes precauções em Gand, para se evitarem novos disturbios. Os socialistas mostram-se muito excitados.

Carta de Lisboa

23 de novembro de 1886.

Discutem agora os jornaes da oposição o boato que atribue ao governo a ideia de dissolver as camaras antes da sua proxima reunião em janeiro. Ignoro o que o governo tenciona fazer a tal respeito, mas só lhes digo que a dissolução para já, era bem vista geralmente, pois ganhava-se tempo e muito.

— O sr. oficial de marinha 1.° tenente Manuel Luiz Mendes Leite, acaba de ser nomeado para embarcar na corveta *Bartolomeu Dias*; e o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regala, tambem 1.° tenente, foi designado para o transporte *Africa*.

— SS. MM. el-rei e a rainha ofereceram 2:000$000 em inscrições á comissão promotora do beneficio em favor dos soldados mutilados no forte de Sacavem.

— Foram agraciados: com o titulo de visconde de Alter, o sr. Antonio Mendes Castelo-Branco; e com o de visconde de Silves o sr. Francisco Pereira Caldas.

— Em sessão de hontem da camara municipal de Lisboa foi votada a quantia de 50:000$000 reis para a construção de casas economicas para operarios.

— Foi provido definitivamente no lugar de lente substituto de matematica da Escola Politecnica o sr. Antonio da Costa Lima.

— Foi nomeado conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa o sr. Xavier da Cunha.

— Foi nomeado professor da escola anexa á Escola Normal de Evora o sr. Antonio José de Macedo, que foi aluno da Escola Normal do Porto.

— Foi concedida licença de 30 dias ao sub-inspetor de ensino primario na Pesqueira, o sr. Souza Guerra.

— Faleceu a sr.ª D. Maria Luiza de Menezes, filha dos srs. condes da Lapa.

— Faleceu no Rio de Janeiro o comerciante sr. Manuel José Cardoso Machado, natural de Vila Verde, viuvo. Deixou testamento, no qual declara não ter herdeiros forçados. Entre outros legados a parentes, afilhados e serviçaes, institue os seguintes: Deixa a João Antonio Barbosa, seu testamenteiro em Portugal, 100 ações do Banco Comercial do Rio de Janeiro, encarregando-o de, conjuntamente com seu sobrinho Barbosa Brito, inventariar os seus bens existentes em Vila Verde; deixa a casa a sua sobrinha Ana, com o usofruto de mais 20:000$000; a sua sobrinha Maria Joaquina, 20:000$000; a Barbosa Brito, 40:000$000, sendo 15:000$000 postos em nome de seu filho Manuel; 20:000 pesetas a João Antonio Barbosa; 20$000 réis para os pobres de Vila Verde; e reis 100$000 para a fundação de uma escola na mesma vila.

Tambem faleceu na mesma cidade o comerciante portuguez sr. João Lopes de Magalhães. Lutava com dificuldades.

— Regressaram do estrangeiro o digno par sr. Avila e a sr.ª viscondessa de Faria.

— No Funchal o partido progressista teve setecentos votos de maioria, havendo completa ordem.

— Reuniu hontem a sub-comissão para a formação do centro militar, ao qual pertencerão o ministro da guerra e o general da primeira divisão militar.

— No concurso para auditor geral das alfandegas o sr. João Franco Castelo Branco, teve 10 MM BB.

— Vão passar a adidos os oficiaes de marinha em serviço na guarda fiscal.

— Foi demitido por abuso de confiança o encarregado da estação do correio em Castelo de Vide.

— Foi exonerado de chefe da estação do telegrafo da estação da alfandega do Porto, o segundo aspirante Morgado, e nomeado para o referido logar Antonio Ribeiro.

— Foram separadas das obras da barra e entregues á segunda diréção hydraulica, todas as obras do rio Douro, inclusivé a dragagem.

— O sr. Campos Valdez prestou-se a ceder o teatro de S. Carlos para a sessão da Sociedade de Geografia, em que os srs. Serpa Pinto e Cardoso farão a sua conferencia.

— Foi expedida uma circular aos governadores civis para que participem ás sociedades filarmonicas que não podem usar uniformes parecidos com os do exercito.

— Foram nomeados mais os seguintes empregados para as repartições das contrastarias de Lisboa e do Porto.

Recebedores os srs. Luiz Wan Cesar de Andrade para a de Lisboa, e Joaquim Teixeira Beltrão, para o do Porto.

Fiscaes os srs. Vicente José Alves Chaves para a de Lisboa, e Antonio Joaquim da Silva, para a do Porto.

Marcadores os srs. Jeronimo Antonio Batista Rosa, para a de Lisboa e João José da Silva, para a do Porto.

— Determinou-se que se abonasse um mez de subsidio de residencia aos sargentos amanuenses dos quarteis generaes, quando tenham de mudar de residencia.

— Está publicado o programa do conselho de instrução para ensino das diversas disciplinas de instrução secundaria.

— Consta que vão ser colocadas linhas telegraficas nas repartições de contabilidade das diferentes secretarias do estado, afim de pôl-as em comunicação com a diréção geral da contabilidade publica.

— Os srs. condes de Paris são esperados em Lisboa, nos principios do mez de fevereiro.

Y.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

CODIGO PENAL

APROVADO

Por Decreto de 16 de setembro de 1886

A' venda na livraria Gutenberg, rua da Cancela Velha, n.os 64 a 68.

Preço 200 reis, e pelo correio 220.

Lugan & Geneliux

A DEFEZA DOS LIVREIROS

SUCCESSORES DE

ERNESTO CHARDRON

RESPOSTA Á «DIFAMAÇÃO»

DO SNR.

Visconde de Correia Botelho

Preço..... 150 reis

Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora, Lugan & Genelioux, successores.

A ESTAÇÃO

JORAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno	4$000
Seis mezes	2$100
Numero avulso	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Geneliox successores Porto.

ANUNCIOS

EDITAL

Manuel Firmino d'Almeida Maia, antigo Deputado da Nação, Cavalleiro da Legião de Honra, e Presidente da Camara Municipal do concelho de Aveiro, etc.

273 FAÇO saber que, em conformidade com o que dispõe o codigo de posturas municipaes e com a resolução tomada em sessão camararia de 18 do corrente mez, e a requisição do delegado de saude d'este concelho, serão mandados matar todos os cães que, do dia 30 do presente mez, por diante, forem encontrados divagando pelas ruas da cidade, sem terem dono conhecido, ou que sejam reconhecidamente vadios.

E para constar se mandou passar o presente, para ser publicado pela imprensa, e outros de igual teor, para serem afixados nos logares mais publicos do concelho.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal 20 de novembro de 1886. E eu, Manuel Marques, amanuense, servindo de escrivão da Camara, o escrevi.

O Presidente da Camara

Manuel Firmino d'Almeida Maia.

SOLICITADOR

JOSÉ FRANCISCO GOMES DA VEIGA

Rua Direita, n.° 101

274 ENCARREGA-SE de todos os negocios judiciaes e extra-judiciaes, não só n'esta comarca como em todas as outras, incluindo Lisboa e Porto, aonde tem habeis correspondentes.

ACABAM OS CALLOS

133 COM a applicação do empelastro preparado por Felix & Filho, desapparecem rapidamente os callos. No Porto, pharmacia de Felix & Filho. Preço 300 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa **nem irritação nem dôr e não mancha a roupa**. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as **gonorrheas mais intensas**. Muito util tambem como *preservativo*.

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS : FUMOUZE-ALBESPEYRES

78, FAUBOURG SAINT-DENIS, Pariz,

E em todas as boas pharmacias do extrangeiro.

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Sande,*

Revalescière

DU BARRY, DE LONDRES

40 annos d'invariavel successo

266 COMBATENDO as indigestões (dispepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargos na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetis, debilidade, todas as dasordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 100:000 curas, entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa Pio IX, de S. M. o Imperador da Russia, do duque de Pluskow, das ex.mas sr.as marqueza de Brehan, duqueza de Castlestuart, dos ex.mos srs. lord Stuart de Decies, par de Inglatarra, o doutor e professor Wurzer, o professor doutor Benecke, etc., etc.

N.° 49:842: M.me Marie Joly, de cincoenta annos de constipação, indigestão, nervos, insomnias, asthma, tosse, flatos, espasmos e nauseas. — N.° 46:270: M. Roberts, de uma constipação pulmonar, com tosse, vomitos, constipação e surdez de 25 annos.—N.° 46:210: O doutor em medicina Martin, d'uma gastralgia e irritação de estomago, que o faziam vomitar 15 a 18 vezes por dia, durante oito annos.—N.° 46:218: O coronel Watson, de gotta, nevralgia e constipação obstinada. — N.° 18:744: O doutor em medicina Shorland, de uma hydropisia e constipação. — N.° 49:522: M Baldwin, completa prostração, paralysia da bexiga e dos membros, em consequencia de excessos da mocidade.

Cura n.° 80:416: O sr. doutor Benecke, professor de medicina na Universidade, refere-se da maneira seguinte á clinica de Berlin, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á **Revalescière du Barry.**

«A creança, na idade de quatro mezes, soffria, sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos, que resistiam a todos os tratamentos da sciencia medica. A **Revalescière** restabelceu-lhe completamente a saude em seis semanas.»

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.

Preços fixos da venda em toda a peninsula: —Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500 réis; de 1/2 kilo, 800 réis; de 1 kilo, 1$400 réis; de 2 1/2 kilos, 3$200 réis; de 6 kilos, 6$000.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière Chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar; os preços são os mesmos da **Revalescière.**

DU BARRY & C.ª LIMITED — 8, rue Castiglione, Pariz; 77, Regent Street, Londres.

DEPOSITOS—Em Aveiro: F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto: Cassels & C.ª, 127, rua de Mousinho da Silveira.

AS TOSSES

135 E TODOS os padecimentos das vias respiratorias, desapparecem rapida e completamente com o uso do xarope peitoral Moura. Este medicamento, que póde ser tambem administrado debaixo da fórma de pilulas, é de gosto muito agradavel e de effeito certo e seguro. O seu extraordinario consumo, sempre crescente e os nemerosos attestados do distinctissimos facultativos e de muitas pessoas que teem feito uso d'este precioso medicamento com o melhor resultado curativo, provam á evidencia a sua grande efficacia. Deposito geral no Porto, Felix & Filho. Preço 500 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

E falsificado o xarope em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

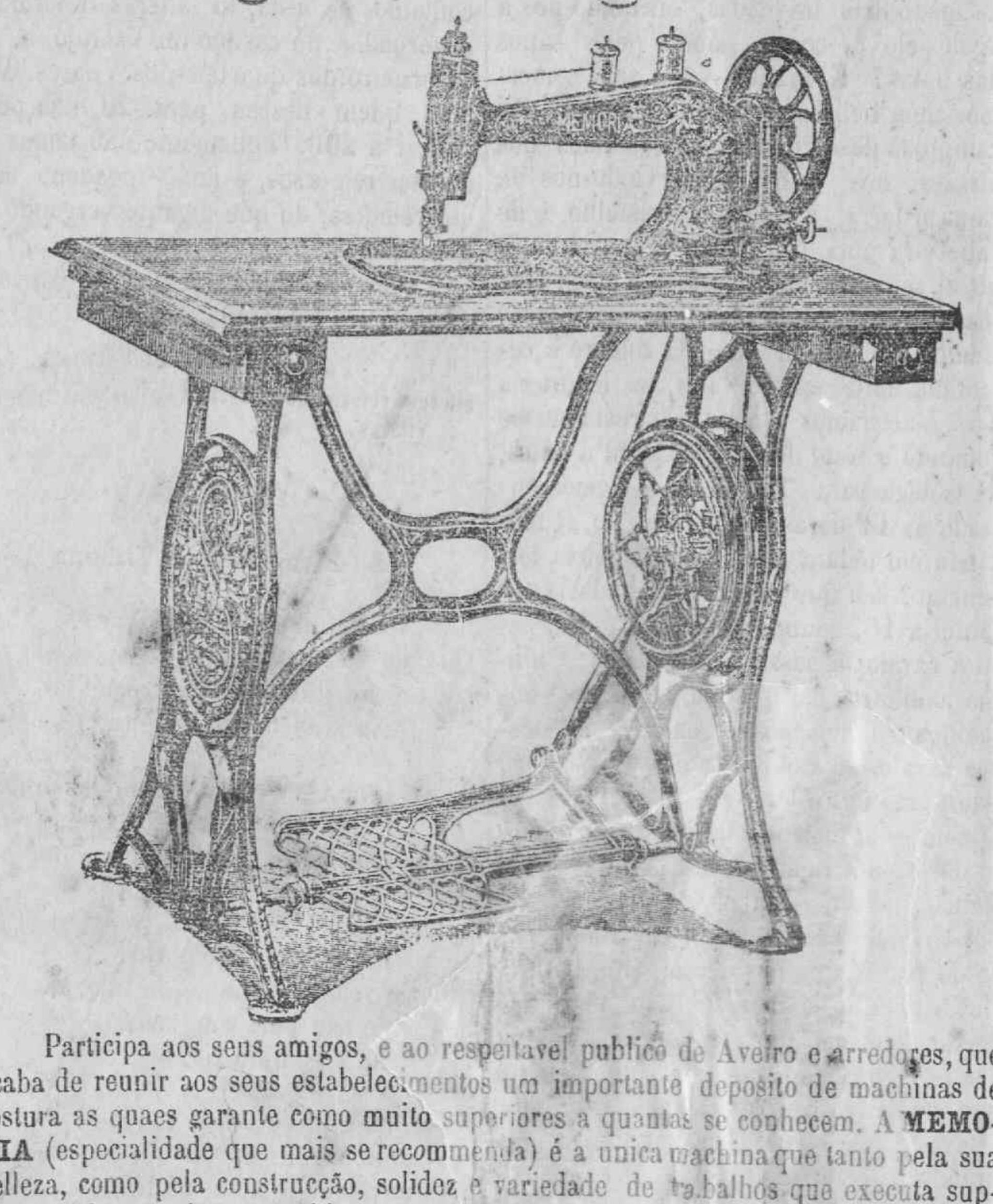
NOVO DEPOSITO

DE

MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, [illegible], etc, 52

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

7

NUMERO TELEPHONICO 168

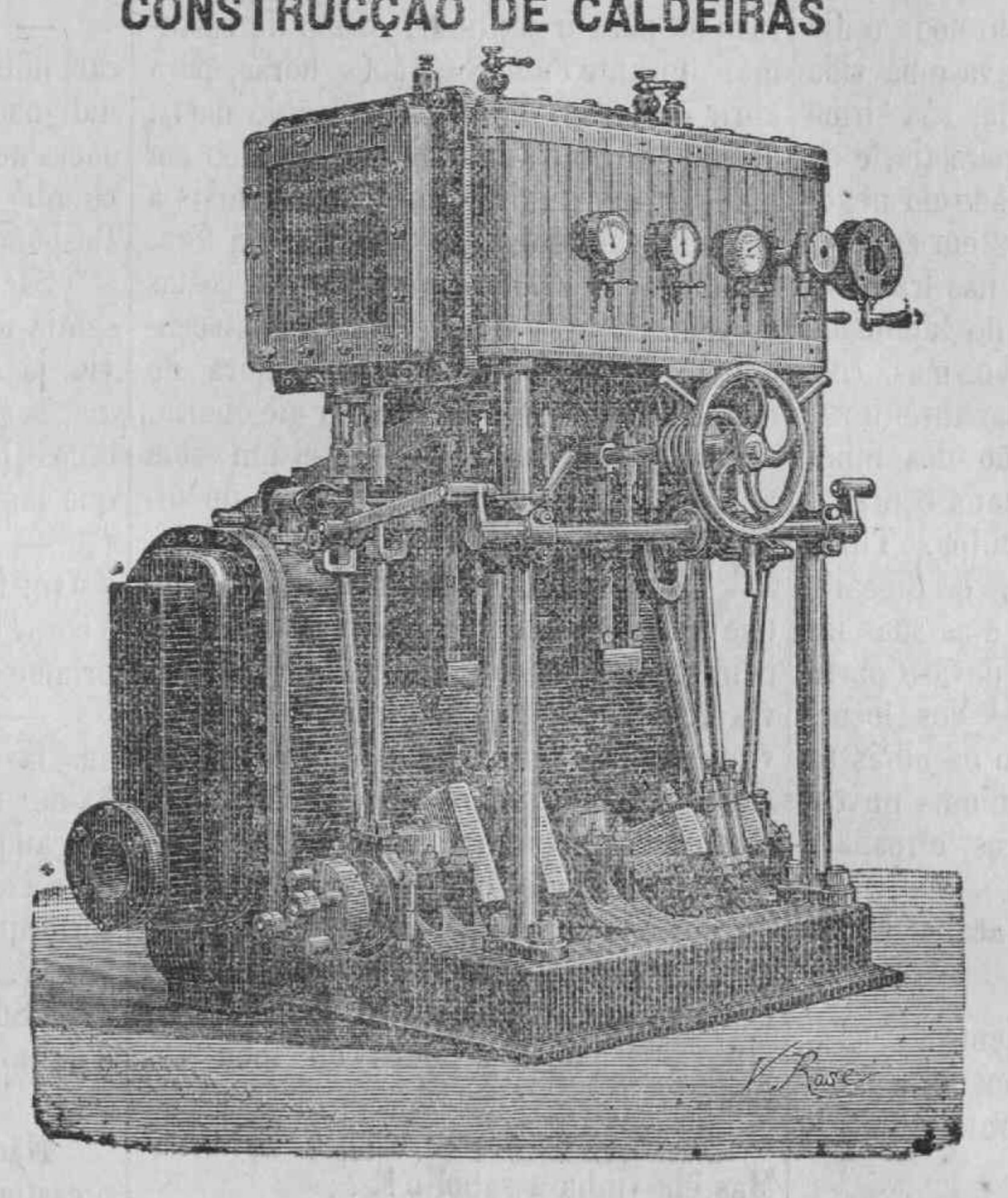
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

FUNDIÇAO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor, da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macu.*

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes quer obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempe em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 1, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro, Lisboa.

PARIS

GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Sedas, Lãs, Pannos, Chitas, Modas, Confecções, Fatos para Meninos e Meninas, Roupões, Saias, Enxovaes para Senhoras e Crianças, Fanqueria, Espartilhos, Rendas, Linhos, Lenços, Algodões brancos, Cortinas, Fazendas para moveis, Tapetes, Moveis, Artigos para camas, Camisas, Artigos de malha, Fatos para Homens, Calçado, Chapeos de Chuva, Luvas, Chales, Gravatas, Flôres, Plumas, Passemanaria, Fitas, Artigos de retrozeiro, Artigos de Paris, Artigos de couro, Perfumaria, etc.

Sahiu á Luz

O MAGNIFICO ALBUM ILLUSTRADO editado em Portuguez e Francez contendo **560 gravuras**, modelos ineditos para a **Estação d'Inverno**, que é enviado **gratis** e **franco de porte**, a quem o pedir em carta franqueada, dirigida a

MM. JULES JALUZOT & Cie

PARIS

São egualmente enviadas **franco de porte**, as amostras de todos os tecidos de que se compõe o variadissimo sortimento do *PRINTEMPS* (Bem especificar os generos e preços.

Casa de reexpedição em Lisboa

102, T. de S. Nicolau, 1.º LISBOA.

As Senhoras podem consultar na nosa Casa de reexpedição todas as *Amostras* e *Catalogos* que ahi se acham patentes.

Expedições para todos os paizes do Mundo.

L'EAU LÉCHELLE

Hemóstatica, é empregada contra os *fluxos*, a *anemia*, a *fraqueza*, as *molestias do peito e dos intestinos*, os *escarros de sangue*, os *catharros*, a *desintheria*, etc. Renova o sangue e fortifica todos os orgãos.

O doutor **Heurteloup**, medico dos hospitaes de Paris, reconheceu as propriedades curativas de **L'Eau de Lechelle**, em diversos casos de fluxos uterinos e hemorrogias.

Deposito geral, rua St. Honoré, 378 em Pariz. 250

DOENÇAS

DO

ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS

PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS : 600 Reis. — PÓS : 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francese e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

CONTRA A DEBILIDADE

RECOMENDAMOS o Vinho Nutritivo de Caene, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmenti auctorisados.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior. 30

LOMBRIGAS

134 NÃO ha remedio nem mais efficaz nem que tenha merecido mais elogios como as pastilhas vegetaes de Moura. Com o uso d'ellas a expulsão das lombrigas é certa, infallivel e rapida. Os muitos communicados que com tanta frequencia, teem apparecido nos jornaes a respeito de seus maravilhosos effeitos, são a prova mais evidente da sua extraordinaria e incontestavel efficacia. Caixas de 100, 200 e 400 reis. No Porto, pharmacia de Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

São falsificadas as pastilhas em cujas caixas não for o nome de Felix & Filho,

---

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores,* etc.; 20 annos do maior successo attestam a efficacia d'este excelente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito em todas as pharmacias.—Pariz, rue de Seine, 31. 267

---

21 **ASPHALTO**

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

GOTTA E RHEUMATISMOS

CURA certa pelo **LICOR e pelas PILULAS do Dr Laville**

Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos *analysados e approvados* pelo Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o **Dr OSSIAN HENRY.**

O **LICOR** *toma-se para curar os accessos.* — As **PILULAS** *tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*

Para premunir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura

Laville D. M. P.

da Faculdade de Paris.

Venda por atacado em PARIS : COMAR, Pharmaceutico, rua St-Claude, 28

DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

COMPANHIA FABRIL SINGER

MAQUINAS PARA COSER DE LA COMPAÑIA FABRIL "SINGER" PARA FAMILIAS E INDUSTRIALES

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excelentes e ainda não igualadas maquinas de coser de LANÇADEIRA OSCILANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'algodão,

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu maquinismo é ajustavel e com o uso e os anos está a maquina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapeleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende diretamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER

Vendeu só no ano de 1884 a enorme quantidade de 620:382 maquinas! devido isto á sua grande aceitação, suplantando assim todos os outros sistemas modernos, que jàmais poderão competir com a maquina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.